

# 05-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega da Ordem do Mérito Cultural 2012

**Brasília-DF, 05 de novembro de 2012**

Eu queria cumprimentar todos os presentes, e dizer que é um momento assim emocionante, porque eu acredito que nós, aqui, estamos participando de uma celebração importante para o Brasil. Um país não pode ser só as necessidades materiais. Um país ele se mobiliza, por isso que está aqui, por nossas crenças, pela nossa arte, pela nossa cultura. Então, para mim, é um momento muito especial estar aqui hoje.

Eu queria cumprimentar o nosso presidente do Senado Federal, José Sarney, hoje promovido à classe Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural. Uma homenagem tardia, mas uma homenagem importante, porque o senador Sarney é o precursor da chamada Lei Rouanet. Na verdade, no início, Lei Sarney.

Querida cumprimentar os ministros e as ministras de Estado aqui presentes, saudando dois ministros: a ministra da Cultura, senadora Marta Suplicy; e o ministro da Educação, Aloizio Mercadante.

Querida cumprimentar as senhoras e os senhores chefes de Estado, aliás, chefes de Missões Diplomáticas acreditados junto ao meu governo.

Cumprimentar os senadores José Pimentel, líder do governo no Congresso Nacional, Gim Argello e Romero Jucá.

Cumprimentar as senhoras e os senhores agraciados e representantes de personalidade e movimentos agraciados com a Ordem do Mérito Cultural 2012.

Querida cumprimentar meus caros Daniel Gonzaga, neto de Luiz Gonzaga; a nossa querida, queridíssima, Elba Ramalho; o Chambinho do Acordeon e Miguel Proença, que apresentaram Asa Branca – o maior sucesso de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

Querida dizer que eu assisti ao filme “Gonzagão – de pai para filho” [Gonzaga – de pai para filho] e que é um filme emocionante. O nosso ator que representou o Luiz Gonzaga, nos deu um imenso prazer, aqui, de interpretar uma das músicas mais bonitas, junto com a voz, absolutamente fantástica da Elba, cantando Asa Branca. E por isso, eu acho que todos nós devemos nos preparar, porque é um filme, de fato, comovente.

Querida cumprimentar de forma muito especial minha cara Elisa Lucinda e meu caro José de Abreu. Agradeço aos dois por esse ânimo especial que hoje essa cerimônia teve aqui no Palácio. Eu vou tentar, viu, Zé Abreu e Elisa Lucinda, trazer vocês mais vezes. Porque o clima que vocês criam, de fato, é excepcional.

Querida cumprimentar as senhoras e os senhores produtores e representantes do meio cultural e artístico aqui presentes.

Cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

A cada um dos agraciados eu quero dizer meu muito obrigado por ter comparecido a essa cerimônia e porque é um imenso prazer para mim começar a semana celebrando a cultura do nosso país.

Eu tenho muitas razões, e nós todos temos muitas razões para nos orgulhar da integridade, da riqueza e da diversidade da nossa cultura. E todos nós sabemos que um país tem na sua cultura, o coração, o cerne da sua identidade.

Não é possível que nós nos constituamos como nação, se nós não compartilhamos um mesmo... uma mesma visão de mundo. Mas uma mesma visão de mundo vista por prismas muito diferentes que hoje aqui foram expressas magistralmente por cada um de vocês.

E para nós, para mim, para os ministros aqui presentes, para o senador Mercadante e para, especialmente, a ministra da Cultura, Marta Suplicy, é uma grande honra receber no Dia Nacional da Cultura os agraciados com a Ordem do Mérito Cultural.

Esse, sem dúvida nenhuma é um momento de reconhecimento. É um momento em que, em nome do governo brasileiro, nós reconhecemos tantos homens e tantas mulheres que contribuíram para o nosso país.

É um momento também de aplauso, de aplauso do talento dessas personalidades que contribuíram com as suas vidas, com o seu talento, com as suas capacidades para a criação cultural no Brasil nas mais diversas áreas.

A maioria dos agraciados de hoje continuam em plena atividade, nos encantando, trazendo justamente essa palavra mágica, que é o encantamento que eleva o nosso espírito, eleva a nossa alma, e que enriquece a nossa cultura.

Alguns dos homenageados não estão mais em nosso convívio, mas deixaram um legado de criatividade, um legado que nos marca para sempre. A cultura tem essa capacidade: de ser atemporal, em um certo sentido, ao mesmo tempo em que reflete o tempo histórico melhor do que qualquer outra manifestação da atividade humana.

Todos os homenageados, sem exceção, representam o melhor da nossa tradição, e, ao mesmo tempo, da nossa vanguarda cultural. E não há nenhuma contradição no que estou dizendo. Tradição e contemporaneidade caracterizam riqueza cultural e andam juntas no trabalho dos nossos melhores artistas e criadores, os que estão aqui presentes e os que nós homenageamos em memória.

A começar por Luiz Gonzaga, o artista que é o patrocinador, é o protetor dessa homenagem e que nós erguemos o nosso imenso apreço nesta edição da Ordem do Mérito Cultural.

Esse extraordinário músico, ao cantar as tristezas e as alegrias do Sertão, ajudou o brasileiro, a brasileira, a conhecer melhor o seu próprio país. Se sua obra se resumisse ao que foi apresentado aqui – Asa Branca –, já justificaria todas as nossas homenagens e todo o nosso reconhecimento, mas Gonzagão fez muito mais. Nos deixou músicas eternas, e nos marcou com forte sentimento de brasilidade. Tornou o sertão nordestino, aquele sertão mais humilde, num mundo universal. Quem de nós não se comoveu com Assum Preto? Quem de nós não se agita na cadeira ao ouvir o Xote das Meninas? Qual de nós já não cantarolou muitas vezes versos como este – que eu não tenho o talento... eu não tenho o talento das nossas cantoras aqui presentes. Mas que eu vou recitar para vocês: Minha vida é andar por este país, pra ver se um dia descanso feliz. Guardando as recordações das terras por onde passei, andando pelos sertões, e dos amigos que lá deixei.

De uma forma ou de outra... Elba e Fafá, me desculpem. De uma forma ou de outra eu acho

que reflete o que acontece com todos nós quando andamos por este país.

Luiz Gonzaga nos ensinou a entender melhor o Brasil. Tal como o Mazzaropi, um dos agraciados de hoje. Ao condecorar Mazzaropi, de certa forma prestamos um tributo a nós mesmos, à nossa infância. Ao condecorar Orlando Orfei, fazemos isso às nossas raízes. Todos eles souberam amalgamar no personagem que caracterizaram o homem do campo, o pobre da periferia das grandes cidades, o brasileiro e as brasileiras que lutam pela vida sem perder o humor... o bom humor. O nosso povo, enfim, toda a sua diversidade.

Todos os agraciados hoje com a Ordem do Mérito foram escolhidos, porque fazem ou fizeram parte das nossas vidas. No sentido mais pleno da palavra. É como se nós o conhecêssemos. Eles têm para nós essa proximidade e, esse distanciamento que só os artistas conseguem criar.

É assim com Hebe Camargo, que nós deixou recentemente depois de uma vida dedicada ao meio mais popular de acesso à cultura e à informação. Hebe, praticamente, inaugurou a televisão brasileira. Hebe, como tantos outros – não é, Regina? – entram nas nossas casas, entraram nas nossas casas, e passaram por nossas vidas, e passam por nossas vidas como se já fizessem parte da família.

Também é assim com Jorge Amado - um dos mais lidos, traduzidos e reverenciados escritores brasileiros - em sua obra, em sua própria história pessoal, a luta, o sincretismo e a diversidade do povo do Brasil se realizaram, com talento e delicadeza, em personagens inesquecíveis.

Nos livros de Jorge Amado – assim como na obra de todos os homenageados de hoje -, nós, brasileiros, nos reconhecemos como cidadãos, como povo com história, com hábitos e desejos em comum.

Poderia falar dos méritos de todos os condecorados com a Ordem do Mérito Cultural, mas é mais importante reconhecer que todos nos ajudam a entender os símbolos, os sentidos, os dramas, as utopias, as necessidades, os pensamentos que nos identificam como povo.

Um povo cujo temperamento é forjado em meio à diversidade, em que a imensa variedade de nossa cultura encontra identidades e interesses em comum, e por isso, mesmo capaz... e por isso intrinsecamente capaz de expressar valores universais. Sim, todos nós sabemos que a cultura brasileira é um mosaico muito rico de tradições, de manifestações, de criações e inovações, de diferentes etnias e costumes na sua origem.

É interessante que nós não temos um traço hegemônico, e é muito bom que seja assim: impulsionados pela língua comum que nós compartilhamos. E pela origem desta Língua Portuguesa, nós fizemos dela uma nova língua, recebendo influências riquíssimas dos indígenas, dos africanos, dos nossos vizinhos de origem espanhola, dos europeus, dos italianos, alemães, franceses, búlgaros, dos árabes, dos judeus, dos palestinos e de vários povos asiáticos – japoneses, chineses, enfim, de uma parte expressiva da humanidade. Por isso, só podia dar certo.

Poucos países do mundo tiveram tanta sorte e poucos povos do mundo receberam de maneira tão entranhada e definitiva, e ao mesmo tempo, generosa, o processo de miscigenação. Sobre o guarda-chuva unificador de uma língua comum e de uma história de convivência, nem sempre pacífica, vamos nos lembrar, entre os habitantes de diferentes regiões. Mas necessariamente, unificadora. A pluralidade e a diversidade são grandes trunfos de nossa formação como povo e como nação.

Com a comenda que entregamos hoje traduzimos, em justo reconhecimento, o papel desses artistas e criadores que nos honram, que mais que tudo, nos emocionam, que mais que tudo,

nos fazem ver a vida de vários prismas, e que garantem no processo de construção de uma identidade cultural que ao mesmo tempo é diversificada, singular, universal e única.

O Brasil se fortalece nessas suas diferenças e no respeito que soubemos ter por elas. Somos plurais em nossa cultura e temos o dever de continuar a sê-lo. Por que? Aprendemos a conviver com nossa diversidade cultural e tirar dela o que pode haver de melhor para uma nação, é que temos o privilégio de usufruir do trabalho de artistas e criadores de cultura talentosos como vocês, os homenageados deste ano: Abelardo da Hora; Alceu Valença; Ana Muylaert; Breno Silveira; cacique Almir Surui; Carlos Lemos; Cleodes Maria Piazza; Elba Ramalho; Fafá de Belém; Felipe Schaedler; irmãos Campana; Humberto e Fernando; Isay Weinfeld; Ismail Xavier; Marieta Severo; Marta Medeiros; Miguel Chikaoka; Milton Guran; Orlando Orfei; Raquel Trindade; Regina Casé; Silvio Santos; Ana Clara Guerrini Schenberg, filha de Mario Schenberg; Carmelita Martins de Barros, filha de Plínio Marcos; Cláudio Pessutti, sobrinho de Hebe Camargo; Inês Autran Dourado Barbosa, filha de Autran Dourado; João Jorge Amado Filho, neto de Jorge Amado; João Roman Neto, diretor do Museu Mazzaropi, representando aqui a homenagem ao Mazzaropi; Maria Leopoldina Splendore Pamplona de Abreu, filha de Dener Pamplona de Abreu; Paulo Afonso Miessa, filho de Paulo Goulart; Regina Aparecida Pereira, esposa do neto da Dona Efigênia; Tânia Maria Muraro, filha de Rose Marie Gebara Muraro; Yaçanã Regina Martins de Oliveira, filha de Herivelto Martins; todos os representantes de movimento e entidades aqui agraciadas, do Bloco Afro Olodum, João Jorge Santos Rodrigues; do Museu de Valores do Banco Central do Brasil, Geraldo Magela Siqueira; da Escola de Dança Integração Social da Criança e do Adolescente, Dora Isabel de Araújo Andrade; da Fundação Municipal de Artes de MonteNegro, Rio Grande do Sul, Normélia Juliani Faller; do Museu Histórico Nacional, Ruth Beatriz Silva Caldeira de Andrada; do Movimento Gay de Minas, Oswaldo Braga Júnior; da Orquestra Popular da Bomba do Hemetério, Francisco Amâncio da Silva, Maestro Forró.

Todos vocês, sem exceção, muito obrigada por tudo aquilo que vocês fizeram, e pelo que, com certeza, vão continuar a fazer pela alma brasileira. Ela precisa tanto quanto cada um de nós necessita de um país que cresça e distribua renda. Nós também precisamos ter a alma sempre lavada e enxaguada.

Parabéns a todos os agraciados.

☐ Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-da-ordem-do-merito-cultural-2012-brasilia-df-20min18s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-da-ordem-do-merito-cultural-2012-brasilia-df-20min18s>)(20min18s) da Presidenta Dilma Rousseff

# **07-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura da 15ª Conferência Internacional Anticorrupção (IACC)**

**Brasília-DF, 07 de novembro de 2012**

Bom dia a todos.

Queria cumprimentar o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz,

O presidente do Conselho da Conferência Internacional Anticorrupção, Juiz Barry O'Keefe.

Os ministros de estado aqui presentes: Jorge Hage, Marco Antonio Raupp, embaixador Antonio Patriota, general José Elito e Alexandre Tombini.

Queria cumprimentar a senhora Huguette Labelle, presidente da Transparência Internacional,

O senhor Panthep Klanarongran, presidente da Comissão Nacional Anticorrupção da Tailândia - sede da Conferência anterior,

O senhor Jorge Sanchez, presidente do Conselho da Amárribo Brasil,

O senhor Jorge Abrahão, presidente do Instituto Ethos,

As senhoras e senhores embaixadores e representantes de organismos internacionais,

O ministro Benjamin Zimler, presidente do Tribunal de Contas da União,

A senhora Tawakkol Karman, Prêmio Nobel da Paz e fundadora da ONG Mulheres Jornalistas Sem Correntes.

Queria cumprimentar cada um e a cada uma das participantes da 15ª Conferência Internacional Anticorrupção,

Cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e Senhores,

É com grande satisfação que o Brasil recebe, aqui na capital da República, esta 15ª Conferência Internacional Anticorrupção. E, neste momento, eu, em nome do povo brasileiro, saúdo os representantes de governos, de movimentos sociais, de empresas e todos os participantes que aqui constroem o presente e o futuro dessa luta, compartilhando experiências e apresentando suas melhores práticas.

O que nos une, sem dúvida nenhuma, não são receitas acabadas, nem modelos acabados, mas o que nos une é o interesse na verdadeira troca de experiências - em que todos ensinam e todos aprendem - e na construção de parcerias em torno de estratégias comuns.

No Brasil, a prevenção e o combate à corrupção são, hoje, práticas de Estado. A democracia

brasileira conta com instrumentos sólidos, como a respeitada Controladoria-Geral da União, os tribunais de contas – em especial, o TCU, Tribunal de Contas da União -, um Ministério Público independente, uma Polícia Federal atuante e uma imprensa livre.

Aliás, como eu já disse várias vezes, eu estou convencida de que, mesmo quando há exageros e nós sabemos que em qualquer área eles existem – e nessa, em específico, existe -, é sempre preferível o ruído da imprensa livre ao silêncio tumular das ditaduras. E nós, todo o povo brasileiro, conhecemos na pele o que estamos falando. Vivemos sob ditadura e lutamos e construímos nossa democracia.

A nossa democracia, ela foi feita também baseada no fato de que a luta anticorrupção é uma luta democrática. O nosso Governo oferece amplo respaldo aos órgãos de controle na fiscalização, investigação e na punição da corrupção e de todos os malfeitos.

O Portal da Transparência – do qual nós muito nos orgulhamos -, que teve início no governo do meu antecessor, o presidente Lula, expõe na Internet, a cada dia, os gastos de todos os órgãos federais realizados no dia anterior, ou até a noite anterior.

Uma outra lei muito importante para nós foi a Lei da Ficha Limpa, mas eu queria destacar a recente aprovação da Lei Brasileira de Acesso à Informação, que nós, com orgulho, acreditamos ser uma das leis mais avançadas do mundo, porque ela sujeita todos os poderes e entes da Federação – portanto, todos os entes e poderes da República - ao amplo acesso aos dados da gestão, dos gastos, dos históricos, enfim a todos os dados existentes dentro dos diferentes entes federativos.

Também todo esse aparato, que tem como base a transparência, é também baseado na nossa convicção que nós precisamos da transparência para aprimorar a governança e a gestão. Nós sabemos que quanto maior a transparência, maior a possibilidade de controle dos programas e de garantia que a decisão de gastar dinheiro público se destine necessariamente àquilo que são os programas necessários, principalmente para um país como o nosso que acumulou não só décadas, mas séculos de desigualdade.

Por isso estamos aprimorando a governança e a gestão pública, mobilizando as potencialidades oferecidas pelas novas tecnologias da informação que vão permitir, em tempo real e on-line, o acompanhamento das diversas áreas governamentais – da Educação, da Saúde -, favorecendo portanto a eficiência e o bom uso dos recursos.

Nós temos também um compromisso com a participação popular, por isso institucionalizamos os canais de participação popular. Canais que interessam à sociedade e ao próprio Estado, pois também qualificam a gestão e os serviços públicos, em especial por meio de conferências em todas as áreas, com ampla e democrática presença da sociedade civil, também através desse mecanismo importante como são as audiências públicas, e por meio de reuniões participativas específicas.

Esse compromisso do Brasil com o enfrentamento à corrupção com maior transparência e com maior eficiência reflete, no plano global, na participação ativa do país também nos principais fóruns e instrumentos internacionais sobre a matéria.

Colaboramos com o desenvolvimento de instrumentos inovadores que contribuem para a prevenção da corrupção, como é o caso da Parceria pelo Governo Aberto, que o presidente Obama e eu lançamos em 2011. Aproveito a oportunidade para cumprimentar o povo americano e o presidente Obama por sua eleição.

Senhoras e Senhores,

O combate ao malfeito não pode ser usado para atacar a credibilidade da ação política tão importante nas sociedades modernas, complexas e desafiadoras. O discurso anticorrupção não deve se confundir com o discurso antipolítica, ou antiestado, que serve a outros interesses. Deve, ao contrário, valorizar a política, a esfera pública, a ética, o conflito democrático entre projetos que nela tem de ter lugar. Deve reconhecer o papel do Estado como instrumento importante para o desenvolvimento, a transparência e a participação política.

O Estado é o destinatário privilegiado das mobilizações por transparência, e isso ocorre pela quantidade de informações, decisões e ações que afetam a vida de milhões de pessoas. Por isso, todas essas ações que constroem a transparência são essenciais para a democracia.

Mas o Estado não é o único foco da transparência. Outros setores, outros atores merecem escrutínio, por sua capacidade de afetar a vida das pessoas. Em especial, muitos desses setores, ou atores, têm a participação nos segmentos privados da sociedade civil e do Estado. Em especial, eu daria um exemplo que afeta bastante uma sociedade como a brasileira... Nessa sociedade na qual vários agentes privados e públicos estão envolvidos na prestação de serviços, garantir a a qualidade desses serviços exige o controle de sua qualidade, o que somente é possível com a transparência de todos os seus dados, principalmente na nossa sociedade, que tirou da pobreza – até o ano de 2010, porque os dados ainda não estão atualizados para 2011 e 2012... mas, até 2010, já tínhamos tirado da pobreza 40 milhões de pessoas e elevado essas pessoas à classe média. Essas pessoas têm direito a serviço público de qualidade: telefonia, energia elétrica, serviços financeiros.

Por isso a transparência, o acesso aos dados da prestação desses serviços se torna elementos fundamental da inclusão social de milhares de brasileiros. E, ao mesmo tempo, nós sabemos que um dos mais importantes exemplos de serviços públicos, ou de serviços na esfera global são os serviços financeiros.

Desde o início da crise econômica e financeira, em 2008, crise que assola ainda os países desenvolvidos e também atingiu todos os demais países do mundo, avolumou-se não só o clamor popular, mas a consciência, inclusive nos fóruns multilaterais – como é o caso do G20 e outros -, mas avolumou-se o clamor por mais transparência e mais adequada regulação desses fluxos financeiros internacionais, pois a sua magnitude, uma vez que chegam a trilhões e trilhões de dólares, coloca um enorme desafio para o seu monitoramento.

Sem o devido controle desses fluxos, estamos sujeitos a toda sorte de manipulação, com graves consequências para o emprego e a renda de todos, em especial dos países e setores mais pobres em todas as nações.

É necessário também um esforço conjunto em prol de uma mudança cultural nos governos e nas sociedades no que diz respeito à adequação ética das práticas adotadas. Para nós, empresas, instituições bancárias, organizações civis, cidadãos precisam pensar e repensar a relação entre si e com o Estado.

Por esse motivo, o tema central desta Conferência é muito pertinente. A mobilização das pessoas e a conexão entre os agentes de mudança são imprescindíveis.

Sigamos o exemplo dos jovens, que se mobilizam solidariamente por seus direitos e pelos direitos de seus povos. Eles nos ensinam que o mundo que queremos só será construído com mais transparência, com mais luta contra a corrupção, com mais participação, com mais debate, com mais ação – em outras palavras, também com mais política.

Declaro, assim, abertos os trabalhos da 15ª Conferência Internacional Anticorrupção.

Desejo a todos um bom trabalho, muito obrigada e bem-vindos ao Brasil.

▣  
Ouça a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-abertura-da-15a-conferencia-internacional-anticorruptao-iacc-brasilia-df-15min05s>)(15min05s) da Presidenta Dilma

# 08-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

Palácio do Planalto, 08 de novembro de 2012

Boa tarde a todos. Eu queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

O presidente da Câmara dos Deputados, Marco Maia,

Os Chefes de Missão Diplomática acreditados junto ao meu governo,

As senhoras e os senhores Ministros de Estado. Cumprimento o ministro Aloizio Mercadante, em nome de quem cumprimento todos os demais ministros.

Queria cumprimentar os senhores governadores: Cid Gomes, do Ceará; José de Anchieta Júnior, de Roraima; o vice-governador de Goiás, José Eliton de Figuerêdo Júnior,

Os senhores senadores José Pimentel, líder do meu governo no Congresso; e Antonio Carlos Rodrigues.

Queria cumprimentar também os deputados federais: Arlindo Chinaglia, líder do governo na Câmara dos Deputados; Alex Canziani, Benedita da Silva, Biffi, Carlinhos Almeida, Fátima Bezerra, Fernando Ferro, Gilmar Machado, Luiz Sérgio, Marinha Raupp, Nelson Marquenezeli, Newton Lima e Osmar Serraglio.

Queria cumprimentar, um cumprimento especial, o prefeito de Vitória, senhor João Cozer.

Queria cumprimentar o prefeito de Sobral, Clodoveu Arruda,

Cumprimentar a presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – Undime, senhora Cleuza Rodrigues Repulho,

A senhora Maria Milena Badeca da Costa, presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação - Consed,

Cumprimentar o senhor Jorge Gerdau, presidente da Câmara de Políticas de Gestão, Desempenho e Competitividade,

Cumprimentar as senhoras e os senhores integrantes do Conselho Nacional da Educação,

Cumprimentar todos os secretários municipais, todos os secretários estaduais de educação aqui presentes,

Cumprimentar as professoras e os professores aqui presentes,

Cumprimentar os estudantes,

Cumprimentar as crianças, que estão muito bonitas ali vestidas,

Cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Sem sombra de dúvida, hoje é um dia especial, e faz parte do fato de que o Brasil vive um momento de grandes definições, de transformações. Nós enfrentamos hoje um conjunto de desafios para que a gente possa dar um passo à frente e construir cada vez mais as bases sólidas do nosso desenvolvimento.

Essas bases sólidas, que nós queremos duradouras, elas têm de se basear numa visão e num conceito do que nós queremos do governo. O que eu quero do Brasil é construir um país que seja, no mínimo, um país de classe média. Não há no mundo um país de classe média que não seja um país de oportunidades. E o que nós queremos, então, é um país de oportunidades.

Igualdade de oportunidade é uma situação na qual, num determinado país, há a garantia para todos os cidadãos, há garantia de acesso às mesmas oportunidades, seja a origem social de sua família, seja seu gênero, seja sua raça. Não importa. Basta que ele seja brasileiro ou brasileira, a igualdade de oportunidades tem de estar garantida.

Este é um país que tem duas características: é um país que tem mobilidade social, mas é, também, um país com grande capacidade de criar artes, ciência, tecnologia e inovação. É um país que está vivo e é dinâmico.

Para assegurar a igualdade de oportunidades, algumas conquistas são imprescindíveis. Ninguém assegura igualdade de oportunidades quando cresce a desigualdade social. Portanto, a sistemática redução da desigualdade de renda é fundamental. Desigualdade de renda que se expressa tanto do ponto de vista social quanto territorialmente, quanto também – e muitas vezes de forma muito perversa – no que se refere à faixa etária, com as crianças sendo as mais prejudicadas.

É importante também que haja acesso a empregos de qualidade. E é, também, imprescindível que nós possamos, neste país, que é o nosso, fortalecer todas as famílias, em especial aquelas mais pobres. Mas nós sabemos, sem sombra de dúvida, que é um caminho que, junto com as demais iniciativas, que – do ponto de vista da sua perenidade mais do que as outras - tem o poder de assegurar a permanência e estabilidade do acesso das pessoas à igualdade de oportunidades diante de toda sua vida. E esse caminho é a educação.

Hoje, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que firmamos com os estados e com os municípios, tem, ao mesmo tempo, um caráter de urgência. Aquela urgência das tarefas inadiáveis, aquela urgência quando nós não nos conformamos com o fato de que, em média, 15% das crianças em idade... ou seja, até 8 anos de idade, em nosso país, não estão plenamente alfabetizadas: não dominam a língua, não sabem interpretar um texto simples e não dominam as operações matemáticas elementares.

Esse caráter de urgência se soma a um valor estratégico para nós que temos uma visão de futuro para o país. Por isso, o Pacto pela Alfabetização na Idade Certa é o caminho fundamental para a igualdade de oportunidades. Sem ele, nós não teremos igualdade de oportunidades efetiva em nosso país.

Não há como dizer que, sendo uma das nossas maiores obrigações as crianças deste país, nós possamos assegurar a elas conquistas ao longo da vida sem garantir essa alfabetização em idade certa.

Com o Pacto, nós estamos nos comprometendo, de forma inequívoca, a enfrentar, com firmeza, um quadro preocupante de desigualdades. Essas avaliações – tanto as feitas pelo

Ministério da Educação quanto as avaliações censitárias – mostram um quadro preocupante também da distribuição regional da desigualdade.

Por isso, é tão importante que lá, em Sobral, um prefeito e, hoje, um governador – naquela época prefeito, hoje, governador – tenha mostrado que encarar a alfabetização na idade certa não só é possível como foi realizado. Faz parte hoje da realidade do estado do Ceará. Talvez tenha sido lá que a maior redução ocorreu.

E eu faço aqui... quando eu falo que este Pacto pela Alfabetização na Idade Certa é uma questão fundamental, eu faço aqui um resumo que eu acredito que é uma dolorosa síntese da situação de milhões de crianças brasileiras ainda. Sabem ler, mas têm dificuldade de entender. Às vezes, também, não sabem ler. Sabem mal escrever, ou não sabem. Não se expressam bem porque também não entendem bem. E não sabem fazer as operações matemáticas básicas. Nós não podemos ficar insensíveis a uma situação dessa. Nós não podemos. Acho que é uma questão absolutamente estratégica para o nosso país. Está em jogo o futuro do Brasil.

A insuficiência de aprendizado das crianças brasileiras da escola pública está na raiz da desigualdade e da exclusão. É fato que nós avançamos – a situação, há dez anos, era muito pior –, mas eu acho que hoje é o momento de nós encarmos a nós mesmos, encarmos o nosso país e a responsabilidade que todos nós – governo federal, governos estaduais e prefeituras – temos.

Nosso país só poderá se orgulhar de dar oportunidade a todos se nós aplicarmos esse pacto de uma forma sistemática e, eu diria, usaria uma palavra forte: obsessiva.

Nós todos precisamos, portanto, nos comprometer com a alfabetização na idade certa. É responsabilidade do Estado, é responsabilidade também da sociedade e das famílias. O nosso compromisso com esse pacto é garantir que toda criança até 8 anos, que estuda em escola pública, tenha o domínio da leitura e da escrita e conheça as primeiras operações.

Esse é o fundamento a partir do qual se construirá, etapa por etapa, uma vida cidadã. É o ponto de partida, portanto, para que todos os brasileiros, independentemente da sua origem, da sua classe ou da sua cor, tenham, quando chegar a hora, oportunidade de competir sempre em igualdade de condições.

Nós não seremos um país que transforma conhecimento em tecnologia, que cria conhecimento científico, que protege os seus artistas, se os brasileiros não tiverem acesso à alfabetização na idade certa. Nós não seremos um país que gera conhecimento e o aplica. Nós não seremos um país que respeita os seus cidadãos sem alfabetização na idade certa.

E sem alfabetização na idade certa, o pilar sobre o qual se assenta toda a educação, sobre o qual se assenta o ensino médio, o ensino técnico, o ensino universitário, os centros de pesquisas, estará truncado. E, ao mesmo tempo, sem o ensino médio, o ensino técnico e o ensino universitário, nós não teremos professores capazes de construir um pacto tão forte pela alfabetização. A educação não tem sequência. É algo muito desafiador este fato. Nós precisamos das universidades formando professores para termos, também, um bom alfabetizador. Isso não significa que nós não tenhamos de centrar a nossa atenção, neste momento, num dos eixos principais do nosso fortalecimento, que é a alfabetização.

E eu quero, aqui, enfatizar algumas das ações que o ministro falou e que eu considero absolutamente fundamental para o sucesso da iniciativa. Primeiro, eu acho que a avaliação do processo de aprendizagem é uma delas. Não há como aferir se as crianças estão seguindo um ciclo de alfabetização efetivo sem avaliar. E não há como fazer isso sem fazer testes objetivos. Principalmente, se quisermos evitar que as crianças cheguem à 5ª série sem

conseguir dominar a leitura e as operações matemáticas simples.

Por isso, se quisermos saber se as crianças estão aprendendo se precisam de apoio em algum conteúdo específico, se o nosso material didático e os métodos são adequados, se o professor e a escola estão cumprindo suas tarefas, nós vamos precisar avaliar. Precisamos avaliar a partir de parâmetros nacionais e sistematicamente, e precisamos fazer isso logo agora, e faremos a partir de 2013.

Vamos também premiar o mérito. Premiar o que está dando certo. Professores e escolas que se destacarem, que conseguirem alcançar os melhores resultados receberão prêmios.

A partir de [20]14, nós iremos, primeiro, distribuir R\$ 500 milhões. Nós consideramos que é fundamental que o Brasil, a cada ano, reconheça e valorize professores alfabetizadores, e torne professores alfabetizadores nos professores com os maiores status no nosso país.

Nós temos que – como governos federal, estaduais e municipais, mas também como sociedade – valorizar o professor alfabetizador. Tem de ser para nós uma questão fundamental, porque sem isso não há um pacto efetivo pela alfabetização na idade certa.

Muitas escolas e muitos professores em todo o Brasil têm realizado um trabalho bem-sucedido na alfabetização de suas crianças. Alguns municípios e estados têm se destacado. É consenso entre a área da Educação que o caso do Ceará é um caso exemplar, uma experiência que nos inspira.

O governador Cid Gomes, a quem homenageamos nesta cerimônia, porque o governador Cid Gomes não está aqui pura e simplesmente como um representante dos governadores, mas nós estamos homenageando as melhores práticas realizadas e efetivadas quando do mandato do governador Cid Gomes como prefeito, e agora como governador.

Por quê? Porque exemplos falam mais do que palavras, e o que eu acho que aqueles mapas mostraram foi que é possível fazer. E onde – como diz um grande literato – onde tem uma vontade, tem um caminho.

Todos os professores, sem dúvida – eu queria dizer aqui – merecem o nosso reconhecimento e nossa valorização. Mas eu vou reafirmar: nenhum é mais importante para o Brasil que o professor alfabetizador. Aos 360 mil profissionais que são diretamente responsáveis pela alfabetização de nossas crianças, devemos prestar o nosso reconhecimento, oferecer o nosso apoio. E participarmos, junto com eles, nessa tarefa que é garantir às nossas crianças plena alfabetização até os oito anos.

Todos os custos com as ações do PAC serão de responsabilidade da União. Mas, para que o programa atinja os quase 8 milhões de crianças que frequentam os três primeiros anos do ensino fundamental público, precisamos contar com a adesão, o engajamento, a participação e o empenho dos estados e dos municípios, porque são eles que efetivam e executam essas tarefas.

Felizmente, nós temos hoje, neste programa, um sucesso inicial, que é o fato que todos os 27 estados e os 5 mil, até agora 5.270 municípios, mas nós temos certeza que os mais de 5.500 municípios irão aderir ao Pacto. Hoje, nós temos já 5.270.

Nós estamos conscientes que isso é fundamental – essa participação. Mas eu gostaria, antes de finalizar, de levantar duas iniciativas que complementam e dão continuidade ao Programa de Alfabetização na Idade Certa. A primeira iniciativa diz respeito ao nosso compromisso de construir e fazer funcionar seis mil creches e pré-escolas até 2014. Tanto para as crianças do Brasil Carinhoso, como para todas as crianças, nós sabemos que é imprescindível a existência de creches e pré-escolas para que haja melhores estímulos para as crianças se

alfabetizarem até oito anos.

A segunda questão diz respeito à educação em tempo integral. A continuidade desse processo de alfabetização na idade certa é também o nosso compromisso de levar e universalizar a educação em tempo integral para todo o Brasil.

Não há país no mundo que conquistou o desenvolvimento efetivo, uma sociedade com igualdade de oportunidade sem educação em tempo integral. E eu sempre digo: no contraturno é fundamental esportes e artes, mas eu, no contraturno, estou me referindo a Matemática e Português. Matemática e Português no contraturno. É impossível nós termos cientistas, filósofos, artistas que não dominem a Matemática e o Português.

Por isso, essa tríade, creches e pré-escolas, a alfabetização na idade certa e escola em tempo integral de qualidade são as bases e os pilares sobre os quais nós estamos construindo o futuro do país.

Obviamente, todo esse processo, ele está sendo alimentado por tudo o que vem sendo feito na área do ensino médio profissionalizante, com o Pronatec, na área do ProUni, do Fies e da expansão das universidades públicas e dos institutos tecnológicos pelo Brasil afora.

Mas eu me refiro a essa tríade hoje como a base da construção de uma nova revolução no nosso país. Revolução harmônica, pacífica e, ao mesmo tempo, que mudará profundamente o nosso país nos próximos 10, 15, 20 anos.

Eu conclamo também as famílias – as mães e os pais – a nos apoiarem neste desafio de alfabetizar as crianças na idade certa. É importante que eles acompanhem o aprendizado, que eles cobrem resultados, mas, sobretudo, que eles garantam que a criança compareça à aula, que ela não falte por razões e motivos que não sejam aqueles justificáveis, que são uma doença, um mal-estar, mas que haja um empenho para a criança comparecer às aulas. Os pais e as mães são importantes. Como disse a propaganda que nós mostramos, o vídeo, ela diz o seguinte... o pai dizendo: “eu aprendo com ele”. De fato, aprende com ele, a gente sempre aprende com os filhos. E essa relação de valorização da escola é importante que a criança sinta por parte do pai e da mãe.

Tudo isso é o que nos move a lançar hoje esse Pacto que vai melhorar a formação das crianças, vai dar a elas uma oportunidade de futuro melhor, e vai promover, eu não tenho dúvida, um salto, um verdadeiro salto na trajetória do nosso país. Esta talvez seja – lembrando o nosso hino – uma maneira de dizer que amamos os filhos deste solo. Talvez, a melhor maneira.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-pacto-nacional-pela-alfabetizacao-na-idade-certa-brasilia-df-25min42s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-pacto-nacional-pela-alfabetizacao-na-idade-certa-brasilia-df-25min42s)(25min42s) da Presidenta Dilma

# 09-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do sistema adutor da região de Guanambi - Adutora do Algodão

**Malhada-BA, 09 de novembro de 2012**

Bom dia! Agora vocês falaram mais alto do que da vez do Jaques, hein?

Eu queria dar bom dia para todas as mulheres aqui, e também para os homens. Afinal de contas... afinal de contas, as mulheres são mães de todos os homens, então está todo mundo em casa.

Eu queria dizer para vocês que eu estou muito feliz de estar aqui. Primeiro, porque, quando eu venho à Bahia, eu sempre agradeço. Eu agradeço porque, seu eu sou presidente, eu devo muito aos votos que vocês me deram na eleição, e também porque eu tenho um pedaço de mim que é baiano.

Meu bisavô por parte de pai... não, desculpa, meu querido... meu bisavô, por parte do meu avô, porque meu pai é búlgaro, então não podia morar em Caetitê. Meu bisavô, que chamava... o apelido dele era Dudu, saiu daqui de Caetitê e foi para Minas Gerais, que é aqui pertinho, e foi morar lá em Paracatu, e aí nasceu o meu avô.

Então, eu quero dizer para vocês que eu tenho um orgulho especial de estar aqui hoje. É um orgulho porque ele saiu daqui, e agora, o que eu estou fazendo é garantir que as pessoas possam ficar aqui, porque elas vão ter água. Então, é um grande... mas é muita alegria para mim, e quando eu vejo esta obra eu penso isso. Eu penso de como é importante para as pessoas viverem, para as famílias, para as mães, porque uma coisa horrível é não poder dar uma água limpa para um filho ou para uma filha, não ter água, faltar água.

Então, por isso eu estou aqui agradecendo a todos aqui presentes, agradecendo ao Jaques Wagner, governador da Bahia, por essa parceria que permitiu que nós construíssemos essa adutora, agradecendo ao Fernando Bezerra, ministro da Integração, pela rapidez com que foi construído.

Agradecendo à empresa privada que fez, a Embasa, a Codevasf, enfim, agradecendo a todos aqui presentes.

Querida dizer para vocês que eu estou aqui - me acompanhado está também, o general Jose Elito, que é do Gabinete de Segurança Institucional, e a ministra Helena Chagas, da Comunicação.

E eu queria cumprimentar os baianos, os meus queridos baianos aqui presentes: a senadora Lídice da Mata; o deputado Afonso Florense, que foi meu ministro do Desenvolvimento Agrário e a quem eu agradeço muito; ao Arthur Oliveira Maia, ao Daniel Almeida, ao Luiz Alberto.

Queria fazer um cumprimento especial a dois prefeitos: ao prefeito Valdemar Lacerda Silva, de Malhada; e ao prefeito Charles Fernandes, de Guanambi.

Mas eu cumprimento a todos os prefeitos aqui da região: o prefeito José Barreira de Alencar, de Caetité, terra do meu bisavô; o prefeito de Candiba, Reginaldo Martins Prado; a prefeita de Carinhanha, Francisca Alves Ribeiro; ao prefeito de Iuiú, Reginaldo Barbosa; o de Lagoa Real, José Carlos Trindade; e a prefeita de Matina, Olga Gentil; e o padre Amário, de Santa Maria da Vitória.

Cumprimento, também, aqui - que me acompanha nesta viagem - o Vicente Andreu, que é da Agência Nacional de Águas.

Queria cumprimentar, também, o Elmo Vaz, presidente da Codevasf; e o Abelardo de Oliveira, que também nós trabalhamos juntos, né, Abelardo? Lá no Ministério das Cidades, quando eu era ministra do Lula.

Queria, por fim, fazer uma homenagem especial à querida Maria do Pindaí, a Maria Mendes.

Vocês viram companheiras mulheres, como a Maria falou bem. Falou bem, falou do fundo do coração e falou palavras sábias.

A Maria falou muito bem. É, mas as Marias, minha filha, deste mundo - ou seja, nós todas, que somos as Marias deste país -, nós também temos direito a nossa hora e a nossa vez.

Queria cumprimentar os moradores aqui da região, de toda a região. Eu sei que são vários municípios: Malhada, Iuiú, Carinhanha, Guanambi, Caetité, Lagoa Real, e, se eu esqueci algum, vocês me desculpem.

E queria cumprimentar os fotógrafos, os jornalistas e os cinegrafistas.

Eu vim aqui inaugurar este sistema adutor, esta adutora chamada Adutora do Algodão. E eu vim fazer isso por um motivo. Primeiro, porque é importante que o Brasil resolva alguns problemas que tem anos e anos e anos que eles se repetem.

E aqui, na Bahia - que é um dos maiores estados do país, um dos maiores estados, e que para o Brasil ser grande, a Bahia ter que ser grande -, uma das coisas essenciais, como acontece em vários outros estados do Nordeste, é a água. Essa água que a Bahia tem, porque esse rio que está aqui perto, que é o rio São Francisco, ele corta a Bahia inteira. E, portanto, para nós, agora chegou a hora, junto com o Jaques Wagner, da gente resolver o problema da água de uma forma a garantir que as mulheres e os homens, as crianças possam tomar café da manhã, como a Maria disse, tomar banho, ter uma água saudável.

E também nós queremos - e por isso que nós vamos lançar, terça-feira, o programa de irrigação -, nós queremos usar a água para aumentar o chamado "de comer". Nós queremos aumentar a produção de alimentos. Nós queremos que a Bahia use de todo o seu potencial também para produzir e criar gado.

Por isso, eu venho aqui. Esta é uma obra simbólica, e é simbólica porque é com obras assim que nós vamos resolver, e vamos derrotar a seca.

A gente sabe, dentro da nossa condição de seres humanos, que nós não controlamos o clima. Nós não controlamos o dia que chove, quando não chove, porque um ano chove mais do que o outro, mas nós podemos garantir que a gente tenha instrumentos para que, quando não chover, a gente tenha água estocada, que a gente tenha um açude, que a gente tenha uma adutora para captar água de um rio volumoso, como é o São Francisco, e levar água para a população, de forma garantida - chova ou faça sol. Por isso, eu estou muito feliz de estar aqui.

Mas a gente... a gente não pode descuidar, não pode fingir que não viu as dificuldade do povo. Por quê? É obrigação de um governo cuidar das pessoas que são aquelas mais frágeis. Garantir também que o país inteiro desfrute da riqueza que ele tem.

Mas cuidar dos mais frágeis significa, necessariamente no caso da seca, tomar não só as medidas, como esta adutora, mas tomar medidas de emergência. Porque quando sua casa está pegando fogo, você tem de apagar o fogo. E aí, nós tomamos uma série de medidas para impedir que as pessoas sofram com a seca mais do que seria o humano.

Nós sabemos que o Brasil é hoje um país melhor, porque é um país que cuida de todos e, em especial, dos mais pobres. Nós criamos o Bolsa Família, e o Bolsa Família funciona como uma rede de proteção para impedir que as pessoas tenham dificuldade de alimentar seus filhos.

Nós sabemos que o Bolsa Família melhorou a vida dos brasileiros, mas, diante da seca, só o Bolsa Família não aguenta. Por isso, nós criamos o programa que chama Bolsa Estiagem, que é para aquele produtor que perdeu a plantação e que tem de receber um auxílio enquanto a seca durar.

E criamos também o Garantia Safra, porque se a safra... se ele não puder colher a safra de feijão, ele tem de ter como sobreviver. Por isso vocês têm de saber uma coisa: um pequeno produtor que tiver aqui e que sofreu com a seca, ele tem direito a receber do governo federal, em cinco parcelas de R\$ 80,00, totalizando R\$ 400,00, um auxílio que se chama Bolsa Estiagem.

Agora, como a seca em muitos lugares ainda não acabou, nós prorrogamos por mais dois meses. Em vez de R\$ 400,00, ele terá direito a mais duas parcelas de R\$ 80,00, totalizando R\$ 160,00. Isso vai ajudar a enfrentar a seca. E se a gente ver que ela continua feia em alguns lugares, porque aqui, graças a Deus, está chovendo, mas em vários lugares do nordeste não está.

Nós vamos continuar, aqui, fazendo essa política importantíssima das cisternas. A cisterna é fundamental porque quando você tem falta d'água, choveu, assim, você acumula sua água na cisterna, e você guarda essa água para outro momento... ou usa a água.

Eu queria dizer para vocês, que assim como essas medidas, várias outras que nós tomamos são importantes. A gente vai querer resolver o problema do nordeste com obras deste tipo. Mas enquanto elas não estão prontas, nós usamos carros-pipas. O exército brasileiro - e por isso o general Elito me acompanha nesta viagem - o exército brasileiro está administrando quase 4.200 carros-pipas. Nós autorizamos mais 900. Vamos chegar a uns 5 mil carros-pipas. Justamente para impedir que as pessoas fiquem sem saber para onde ir, sem ter a quem recorrer.

E eu queria dizer para vocês uma coisa: nesses últimos anos, com o governo do presidente Lula, nós fizemos um grande esforço para que o Nordeste crescesse mais, para que a Bahia crescesse mais, para que vocês aqui - nesta região de Malhada, Guanambi e Caetité - tivessem melhores empregos.

Nós não vamos permitir, nós vamos usar de todos os recursos que pudermos para que vocês tenham uma volta atrás com a seca. Por isso, eu estou muito feliz de estar aqui - eu repito mais uma vez. Por que o que nós queremos é que a seca passe, e que ninguém sofra as consequências dela. É isso que o governo federal e o governo do estado vão trabalhar incansavelmente para fazer.

Nós queremos que a seca nunca afete a vida das pessoas, que, é óbvio, que a gente vai usar de adutoras, de irrigação, nós vamos usar do que há de melhor no mundo para garantir que o

combate à seca não seja uma volta atrás àquele passado antigo, em que se usava a seca para extrair boa vontade, ou extrair benefícios para o povo.

Nós queremos que as adutoras, as cisternas, a irrigação, seja a realidade, que cada vez menos nós precisemos de carros-pipas e de qualquer outro tipo de reforço.

Mas eu vou dizer para vocês uma coisa: eu fico muito satisfeita também de ver uma coisa que é muito forte aqui nesta região. Até outro dia aqui não chovia, e a terra devia estar cinzenta. Aí, chove, e esta terra ela fica verdinha de dar gosto.

Nós brasileiros, nós somos assim. A gente é um povo capaz de aguentar a dificuldade, mas nós temos força suficiente, como esta terra – porque é dela também que a gente tira a força -, para, se chover um pouquinho que seja, a gente verdejar.

E é isso que eu tenho certeza quando eu venho aqui e falo para vocês, porque é uma grande emoção para mim ver a quantidade de gente trabalhadora, lutadora e empreendedora. E eu quero dizer para vocês, que o Brasil, hoje, é um Brasil diferente. No passado, quando tinha seca, você via multidões de gente nas ruas pedindo esmolas. No passado, você via invasões de supermercado, porque as pessoas não tinham para onde correr.

Nós vamos, cada vez mais, ver o nosso povo de cabeça erguida, de nariz em pé, olhando para a seca e sabendo que nós temos todos os recursos para enfrentá-la.

E aqui na Bahia - eu quero dizer outra coisa para vocês - eu conto... eu conto... esse é um estado especial, é um estado com uma imensa alegria, é um estado com um povo extremamente trabalhador e determinado. Nós temos de dar uma grande importância. E eu vou falar isso aqui, porque eu falo em todos os lugares que eu vou – pra educação. Por quê? Por mais que nós façamos obras, por mais que nós resolvamos os problemas - esses graves - como é o fato, por exemplo de Caetitê, não ter um sistema de saneamento. E nós vamos fazer o sistema de saneamento de Caetitê.

Mas é preciso educação. Por isso eu peço às mães – nós lançamos ontem um programa que chama Alfabetização na Idade Certa. Alfabetizar as crianças na idade certa... e qual é a idade certa? E até oito anos. Até oito anos uma criança tem de saber ler e escrever, tudo isso no nível da criança, e interpretar um textinho simples, e também fazer duas operações, as operações mais simples – matemáticas.

Se a criança não sabe isso, a criança, quando ela for fazer o 3º, o 4º, o 5º, ela vai se prejudicar. Então, eu peço às mães e aos pais, aqui: dêem incentivo aos seus filhos para não deixar de comparecer às aulas estes anos, que é o primeiro ano, o segundo e o terceiro, são anos essenciais para a criança poder crescer.

O governo federal vai fazer o possível e o impossível. Nós vamos colocar dinheiro em todas as escolas. Nós consideramos que a professora que alfabetiza é uma pessoa que a gente tem de fazer por ela tudo o que for preciso, porque ela é a grande heroína do professorado do nosso país.

E nós, sem essas crianças saberem bem direitinho, se elas tiverem uma boa educação, nós vamos ter engenheiros, nós vamos ter ótimos técnicos, nós vamos ter cientistas, nós vamos ser aquele país que nós queremos: com emprego de qualidade e cada vez melhor. Nós vamos ser um país que é o país que todos nós sonhamos, em que o mínimo de renda seja de classe média.

Por isso, eu faço esse apelo às mães: cuidem para colocar... é importantíssimo que a criança vá à escola, que a mãe olhe se ela está aprendendo ou não, que a mãe vá lá e queixe para a professora se ela não estiver aprendendo.

Nós iremos premiar a escola e as professoras que bem alfabetizarem neste país. Só para prêmio de professor e de escola, no ano que vem, nós vamos colocar R\$ 500 milhões.

E eu quero dizer para vocês que, fazendo isso, criando as adutoras, garantindo água, fazendo com que este país tenha melhores empregos, garantindo educação para todos, levando muitos jovens que estão aqui a ter acesso ao ProUni, às universidades e às escolas técnicas, é que este país vai, cada vez mais, orgulhar cada um de vocês, e à mim também.

E a Bahia – vou repetir uma vez -, a Bahia é o maior estado aqui do Nordeste, é um dos maiores estados do país. Sem a Bahia, o Brasil também não se desenvolve.

Por isso, eu vou vir aqui sistematicamente com o Jaques Wagner, fazer uma série de obras para vocês.

Um beijo no coração!

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-sistema-adutor-da-regiao-de-guanambi-adutora-do-algodao-malhada-ba-24min04s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-do-sistema-adutor-da-regiao-de-guanambi-adutora-do-algodao-malhada-ba-24min04s) (24min04s) da Presidenta Dilma.

# 09-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião do encerramento da 16ª Reunião Ordinária do Conselho Deliberativo da Sudene

Salvador-BA, 09 de novembro de 2012

Eu queria, no encerramento, cumprimentar novamente os governadores Jaques Wagner, da Bahia,

Eduardo Campos, de Pernambuco,

Cumprimentar o governador do Ceará, Cid Gomes,

O governador da Paraíba, Ricardo Coutinho,

O governador do Piauí, Wilson Martins,

A governadora do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini,

O vice-governador, aliás, o governador em exercício de Minas Gerais, Alberto Pinto Coelho,

O vice-governador do Espírito Santo, Givaldo Vieira,

O vice-governador de Alagoas, José Thomaz Nonô,

O governador em exercício de Sergipe, Jackson Barreto de Lima,

O representante do Maranhão, Luiz Fernando Silva, secretário da Casa Civil,

Cumprimentar os ministros de Estado Fernando Bezerra, da Integração Nacional; Agnaldo Ribeiro, ministro das Cidades; general José Elito Siqueira, do Gabinete de Segurança Institucional; Helena Chagas, da Comunicação Social.

Dirigir um cumprimento ao General de Exército Enzo Martins Peri, comandante do Exército,

Aos senadores Lídice da Mata, Humberto Costa, Walter Pinheiro,

Ao superintendente da Sudene, Luiz Gonzaga Paes Landim,

Aos membros do Conselho Deliberativo da Sudene,

E a todos os presentes aqui, em especial ao presidente do BNDES, Luciano Coutinho; ao Cezar Borges, que aqui representa o Banco do Brasil.

Queria cumprimentar também o secretário-executivo Nelson Barbosa, da Fazenda,

Queria cumprimentar o Beto Vasconcelos, secretário da Casa Civil,

E cumprimentar a todos os demais aqui presentes.

Eu queria dizer que, em abril, quando nós nos reunimos e tomamos a decisão de combater,

de forma implacável, com todas as nossas forças e recursos, numa parceria que eu acredito que é uma das mais bem-sucedidas, a seca que grassava e que estava iniciando aqui, no Nordeste, diante da avaliação de que seria um momento muito dramático porque todas as perspectivas e todas as avaliações indicavam uma seca extremamente vigorosa, implacável, e uma das grandes secas dos últimos tempos, nós, eu acho que tivemos uma atitude que tem duas ótimas características. Primeiro, é o fato de nós entendermos que este país não tem mais o direito de deixar que a seca se transforme num flagelo. E, segundo, que este país não pode, para resolver seus problemas, agir de forma parcial ou isolada, no que se refere às suas diferentes esferas de poder – governo federal, governos estaduais e governos municipais.

Eu considero que nós fomos capazes de elencar, naquele momento, através do diagnóstico conjunto que fizemos, medidas que nós considerávamos que eram emergenciais e urgentes, e medidas que nós temos certeza que são aquelas fundamentais para que a gente, em definitivo, supere essa fase em que a seca possa se abater sobre nós de uma forma que nos deixe sem defesas, que são as obras estruturantes, que nós chamamos de estruturantes. E eu, naquele momento, falei que o meu governo seria parceiro dos senhores governadores, e disse que essa parceria era incondicional, porque ela estava baseada na população e nas necessidades da população nordestina.

Nós temos consciência que, neste período, nós, acho que conseguimos estabelecer uma ação coordenada. Acho, e queria agradecer a todos os governadores, cumprimentar todos os governadores pela inequívoca capacidade de articulação, parceria. E queria dizer que essa relação constante, esse acompanhamento que nós fizemos, passados esses seis meses, nos permite dizer que nós conseguimos superar a maioria dos problemas, mas ainda temos muita coisa a enfrentar nesse período de seca, que o nosso Carlos Nobre mostrou aqui, através de um prognóstico climático de alta categoria técnica, que nós teremos melhorias em partes restritas, mas a falta de chuva vai se prolongar, na maioria das áreas, até os primeiros meses de 2013 e que, portanto, nós teremos de fazer um acompanhamento permanente.

Por isso, a primeira questão que eu coloco aqui, que é o meu compromisso, é fazer sistemáticas revisões, por quê? Nós teremos de fazer aquele monitoramento que implica em um acompanhamento fino da situação, sendo capazes de tomar as medidas de forma pronta e de forma tempestiva. Vou dizer quais medidas.

Primeiro, respondendo a uma boa colocação da nossa governadora, que quero dizer que no que se refere tanto à Bolsa Estiagem, quanto no que se refere à Seguro de Garantia-Safra, no primeiro, que nós começamos com R\$ 400,00 por pessoa, por família de agricultor que necessita, que corresponde a R\$ 80,00/mês, e nós prorrogamos por mais duas parcelas, totalizando, portanto, R\$ 560,00, nós estaremos atentos, governadora, para a necessidade de prorrogar isso por um período maior. Estaremos inteiramente atentos e, inclusive, o ministro Fernando Bezerra, ele tem já esta orientação. Nós vamos agora, em dezembro, fazer uma avaliação bastante apurada disso novamente. A segunda, que é a questão do Seguro Garantia-Safra, que nós antecipamos e que nós também ampliamos em mais R\$ 136,00 por mais duas vezes de R\$ 136,00, aí totalizando não mais R\$ 680,00, mas, agora, totalizando R\$ 956... Não, 52, seis e seis doze... R\$ 952,00.

Esses dois benefícios que nós construímos porque nós achávamos que era imprescindível ter uma ordem de prioridade. Essa ordem era primeiro proteger o agricultor e sua família, que perdesse renda. A segunda questão era, junto com a primeira, e concomitantemente, garantir carros-pipa. E nós, de fato, fizemos talvez a maior operação de carros-pipa feita neste país. Nós nos orgulhamos de ter feito a maior operação pela necessidade, mas não nos orgulhamos de estarmos usando os carros-pipa, mais uma vez, como forma de superar a

seca. Nós achamos que carro-pipa não é a melhor resposta para o Nordeste. Nós estamos usando porque estamos na fase de superar este momento em que nós ainda temos de recorrer a carros-pipa, até o momento em que as obras estruturantes – e todos os senhores sabem – e que abrange a todos os estados, estiverem em seu pronto... na sua maior maturidade. Até lá, nós vamos recorrer a uma combinação de ações para fazer face a essa tragédia, que é a seca.

Por isso que o Exército – e aí eu cumprimento o general Enzo – o Exército tem sido extremamente parceiro, nosso parceiro, e nós autorizamos que além dos quase 4.120 carros, nós tenhamos mais 906 carros-pipa, pelo Exército. Nós fornecemos recursos para os estados que se traduziram em dois mil carros-pipa. Nós estamos prontos para fazer uma avaliação precisa, se houver mais necessidades e onde elas estão.

O governo federal prefere, para facilitar a execução, e tendo em vista uma maior eficiência, ter esta relação mais concentrada nos estados. Obviamente, se for impossível que a solução seja essa, a gente encara outra solução, mas a nossa opção é por parceria com os estados, é mais ampla, mais efetiva e mais rápida.

Além disso, eu quero dizer aos senhores que o governo federal está extremamente preocupado em solucionar a questão do milho. Nós vamos fazer o possível e o impossível para aumentar o fornecimento de milho subsidiado para os pequenos produtores dos estados nordestinos. Isto inclui uma avaliação muito séria com a Conab, a respeito de duas coisas: dos destinatários das quantidades de milho e também das estruturas logísticas de distribuição de milho. Estou me referindo às estruturas rodoviárias, às formas de distribuição. E queremos uma parceria com os estados, porque nós precisamos de apoio de pontos de distribuição. Nós só resolvemos essa questão em conjunto. Sozinhos, ou só os senhores, ou só nós, nós não vamos resolver. Para dar certo tem de ser como as coisas deram certo até agora: em parceria. E nessa parceria, que nós todos pegamos juntos, resolvemos as coisas de forma simplificada e desburocratizada, que é pelo telefone, falando uns com os outros, com presteza.

O ministro Fernando Bezerra, ele tem todo o mandato para convocar as reuniões, inclusive trazer mais integrantes do governo para essas reuniões porque nós sempre trabalhamos de forma interligada, daí por que a Conab vai fazer reunião com o Centro de Controle da Seca, e vai responder para nós sobre a quantidade de produtos de milho... porque eu vi que também tem outros produtos. Nós vamos ver o que é... eu acho que hoje aqui foi lançada a questão das tortas, a questão do bagaço de cana, do farelo de soja, do algodão. Eu acho que nós temos de atirar com todas as armas.

Quero dizer que tem uma coisa que me preocupa muito. A gente, quando está numa situação de emergência, a gente tem sempre de tirar um tempo para pensar na emergência e na estruturação, e daí a importância dessa seleção de investimentos em infraestrutura que beneficiam tanto os senhores como beneficiam o conjunto do país porque significa mais investimento em infraestrutura, investimento que é essencial para o país retomar uma taxa elevada de crescimento, que é o que todos nós queremos.

Mas eu queria dizer uma coisa que eu considero muito importante no que se refere à infraestrutura. Eu acho que, para nós e para a forma pela qual nós pretendemos sair da crise... da infraestrutura de distribuição que eu estou me referindo. Eu acho que nós vamos ter de nos preparar para sustentar rebanhos e recompô-los. Por isso é bom que a gente já olhe com o olho um pouquinho mais longe e pense também na recomposição de rebanhos.

Finalmente, eu queria dizer que eu me sinto bastante alegre por algumas coisas. Primeiro, porque nós vamos lançar, na terça-feira, o Programa de Irrigação, que eu acho que é

essencial também para o Nordeste, e quando a gente fala em irrigação, você inicia no Nordeste, mas tem várias, várias regiões do Brasil que precisam, hoje, de irrigação. Mas o Nordeste tem, e principalmente essa região da qual nós estávamos falando, ele precisa e ele tem, eu diria, assim, um potencial que nós pretendemos realizar.

E queria dizer também, mais uma vez, que eu acho que o momento é histórico e concordo com as avaliações, tanto é que assinei a medida, que é a financeirização do Fundo Nacional de Desenvolvimento do Nordeste, do FNDE e do FDA, do Amazonas. Por quê? Porque eu acredito que nós precisamos, no Brasil, de ter instrumentos similares. Instrumentos similares é o seguinte: para equilibrar a desigualdade territorial regional do nosso país, que se expressa também em desigualdade social, nós precisamos de ter instrumentos, não só a proteção do Bolsa Família, não só todas essas medidas, nós temos de ter instrumentos... os chamados “instrumentos sofisticados”. As estruturas do financiamento, elas são essenciais para que a gente possa assegurar que aqui haja investimento de qualidade e que mudem a distribuição desigual e assimétrica de infraestrutura, no nosso país. Por isso, eu acho que é um passo. A Sudene ganha corpo, musculatura, e pode enfrentar esses desafios. Nesse sentido, de fato, é um momento histórico.

E aí eu queria fazer justiça. Fazer justiça a todos os governadores do Nordeste, ao ministro Fernando Bezerra, a todos aqueles, ao Luciano Coutinho, ao pessoal do BNB, a todos aqueles que demonstraram essa consciência da importância dos fundos e de sua financeirização. Eu assisti, acompanhei, eu sei – não é, Fernando? – que não foi fácil. Mas as coisas que não são fáceis – sabe, Jaques – eu tenho a impressão que são as melhores.

Por isso, eu tenho certeza que esse é um grande passo e hoje é um grande dia, daqui a alguns anos nós saberemos o quanto. Eu acho que até já dá para ver, no curto prazo, um pouco, já dá para ver. Agora, no médio, vai ser muito importante.

Finalmente, eu queria dizer a vocês mais uma vez: nós não vamos deixar com que tudo que conquistamos até agora aqui no Nordeste, aqui na Bahia – eu estou na Bahia, então vou falar para os nossos queridos baianos e baianas – nós não vamos deixar, de maneira alguma, que o Nordeste volte atrás. Pelo contrário, nós vamos usar essa seca para avançar mais. Eu acho que aumenta o nosso compromisso e torna esse compromisso ainda maior: nós vamos resolver estruturalmente o problema da seca. Esse é um compromisso que eu acho que sai dessa reunião de Brasília, com todos nós, governadores, ministros, presidenta da República, e todos os senhores presidentes de bancos, de diferentes instituições que deram a honra para nós dessa reunião.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-da-16a-reuniao-ordinaria-do-conselho-deliberativo-da-sudene-salvador-ba-19min28s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-encerramento-da-16a-reuniao-ordinaria-do-conselho-deliberativo-da-sudene-salvador-ba-19min28s>) (19min28s) da Presidenta Dilma

# 13-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de lançamento do Programa Mais Irrigação

Palácio do Planalto, 13 de novembro de 2012

Boa tarde a todos.

Eu queria cumprimentar o senador José Sarney,

Cumprimentar, aqui, as senhoras e os senhores ministros de Estado, cumprimentando o nosso ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra Coelho, responsável por este projeto.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores governadores aqui presentes: o governador da Bahia, Jaques Wagner; o governador em exercício do Distrito Federal, Tadeu Filippelli; o governador em exercício de Pernambuco, João Lyra Neto; o governador do Ceará, Cid Gomes; o governador da Paraíba, Ricardo Coutinho; o governador do Piauí, Wilson Martins; a governadora do Rio Grande do Norte, Rosalba Ciarlini; o governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli.

Agradecer também e cumprimentar os senhores senadores Cidinho Santos, Eunice Oliveira, Romero Jucá, Waldemir Moka e Wellington Dias.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores deputados federais aqui presentes: Afonso Hamm, Ariosto Holanda, Assis Carvalho, Celso Maldaner, Chico Lopes, Danilo Forte, Fernando Coelho Filho, Gonzaga Patriota, Janete Pietá, Jesus Rodrigues, João Bacelar, José Airton, José Guimarães, Luis Carlos Heinze, Oziel Oliveira, Paulo Ferreira, Pastor Eurico, Pedro Eugênio, Ribamar Alves, Rosane Ferreira e Sandes Júnior.

Queria cumprimentar o senhor Elmo Vaz, presidente da Codevasf,

E dirigir um cumprimento muito especial ao senhor Luiz Roberto Barcelos Maldonado [Maldonado Barcelos], da Empresa Agrícola Famosa, por intermédio de quem eu cumprimento não apenas os empresários do setor agrícola, mas também o de infraestrutura e indústria de base.

Queria cumprimentar os senhores fotógrafos, os senhores cinegrafistas e as senhoras e os senhores jornalistas.

Quando nós lançamos, hoje, o Mais Irrigação, nós, na verdade, estamos fortalecendo as bases do nosso modelo de desenvolvimento, no qual o estímulo da produção, o desenvolvimento regional e a inclusão social têm de caminhar juntos. Nós vamos irrigar a terra para produzir mais, para gerar mais emprego, para gerar mais renda. Nós vamos levar esse desenvolvimento e vamos ver esse desenvolvimento florescer, em regiões que hoje contraditoriamente padecem de falta de água para produzir. Nós vamos levar irrigação onde hoje tem falta d'água. Para isso precisa do engenho de homens e de mulheres trabalhadores.

O nosso grande mestre Celso Furtado, criador e primeiro presidente da Sudene, ele sempre defendeu a irrigação como uma solução definitiva para o problema da seca no Nordeste. Ele, ao invés da indústria da seca, ele queria a indústria da irrigação, o que tem e faz toda lógica e todo sentido. E ele considerava que essa solução definitiva ocorreria desde que nós aproveitássemos bem a água e nós conseguíssemos não só viabilizar a tecnologia para levá-la a essa terra seca, mas também que nós tivéssemos regras claras e pudéssemos combinar duas coisas: impedir que lá nessa terra irrigada só as grandes produções ocorressem, mas que as grandes produções se articulassem também com as populações do sertão, a pequena produção do sertão.

Essas premissas do Celso Furtado, elas valem não só para o Nordeste, elas valem para todo o Brasil, e inspiraram, sem sombra de dúvida, todos aqueles do governo que participaram, sob a liderança do Ministro, na construção deste projeto Mais Irrigação. Nós vamos combinar recursos públicos e recursos privados, e vamos investir, nesse primeiro... nessa primeira entrada do Programa, em torno de R\$ 10 bilhões em infraestrutura hídrica e na produção agrícola.

Nós vamos estimular a implantação, como eu disse, de grandes empreendimentos agrícolas integrados a pequenos produtores. Vamos garantir o apoio diferenciado a ambos, ao grande e ao pequeno produtor familiar. Nós vamos querer que, principalmente o pequeno produtor, também possa viver com a renda de sua propriedade, que ele tenha condições de, naquela propriedade, extrair renda.

Quando.....a gente fez o PAC fase 2 nós prevíamos recursos para investir em irrigação, mas nós precisávamos de mais do que isso. Nós precisávamos de um programa que fizesse todo sentido e que juntasse todos esses esforços, daí por que uma das características do Mais Irrigação é a busca da melhor... aliás, é a busca de mais eficiência para melhor investir. Eu acho que ele é um passo à frente de todas as iniciativas que a gente tinha tomado no PAC.

E eu falo aqui da eficiência para obtenção de uma maior produção agrícola, de uma maior renda gerada naquela região pobre do país e da operação adequada dos projetos de irrigação de tal forma que o custo d'água ao invés... aliás, que a água, ao invés de ser um benefício, através do seu custo se transforme numa barreira. Essa é a ideia e a lógica por trás desse projeto.

O Mais Irrigação é, portanto, uma resposta a um desafio, e como o Ministro disse, nós consideramos que tem três aspectos do programa que nós gostaríamos de enfatizar novamente. O primeiro é a proposta de uma parceria público-privada, que vamos adotar para os outros projetos de irrigação e que vai permitir que a força do setor privado e os recursos do setor público permitam que nós aceleremos a realização dos investimentos, mas também dos resultados.

Queremos a parceria com o setor privado e, sobretudo, queremos que seja uma parceria bem-sucedida. Por isso nós separamos riscos do projeto. O projeto de irrigação, ele vai ter dois negócios: um negócio agrícola e um negócio de infraestrutura. Fizemos isso porque queremos mitigar os riscos desse projeto. Ele é muito importante e nós reconhecemos que a mitigação dos riscos é um fator essencial para ele dar certo.

Nós também reconhecemos que cada uma dessas áreas, a de infraestrutura de irrigação e a agrícola, ela exige experiências distintas do empreendedor. Envolve riscos, portanto, distintos do negócio, e para facilitar, portanto, nós separamos as duas atividades. E assim nós estamos inovando na forma de estabelecer essas parcerias porque nós queremos sinteticamente, um bom formato de negócio: rentável, com boa gestão, operação eficiente, com exploração racional, tanto da água como da produção agrícola. E queremos tudo isso

transformado numa produção competitiva.

O segundo aspecto que eu quero enfatizar refere-se aos projetos que envolvem agricultores familiares. Nós ampliamos o número de projetos que serão apoiados, passando de 11 que era o que nós prevíamos originalmente, quando lançamos o PAC2, para 27. E desses 27 nós começamos – porque isso é um começo, nós não estamos aqui acabando o Mais Irrigação, nós estamos abrindo o Mais Irrigação – e desses 27 projetos, governadores aqui presentes, 25 estão no Nordeste, e estão no Nordeste porque nós queremos que aquela área, que é o semiárido mais populoso do mundo, tenha um caminho e um sentido de desenvolvimento que leve para além dos carros-pipa. Aí nós vamos investir R\$ 1 bilhão, para tornar 61 mil hectares terra produtiva, que não resulte, quando a seca chega, em fome e perda de plantações e animais, em terra que seja devastada. Nós queremos terra produtiva, que fortaleça o processo de emancipação social e política do povo do sertão. Finalmente, o terceiro ponto é que vamos também criar uma carteira de projetos de investimento em irrigação, que vai abranger todas as regiões do país, pois o Brasil tem imensas áreas que, com o uso eficiente da água, vão se tornar novas fronteiras agrícolas, novos pólos de desenvolvimento. Eu disse que serão todas as regiões, porque nos interessa levar essa experiência para todo o Brasil, aumentando a nossa eficiência produtiva.

Por isso, eu queria dizer para todos os presentes: embora a dimensão do Mais Irrigação seja e será necessariamente nacional, eu não vou negar o seu impacto no Nordeste, nem que nós olhamos isso com todo o cuidado. Nós queremos impactar o semiárido nordestino com mais irrigação e queremos porque essa é a região histórica em que o Brasil viu a seca ocorrer e que hoje, inclusive, vive uma das mais violentas secas dos últimos 40 anos.

Nós sabemos, como eu disse, que o drama da seca, ele se mede, no Brasil, em séculos. Ele não se mede em anos. Mas nós podemos dizer que hoje tem diferenças importantes, diferenças que são extremamente melhores do que no passado e todas a favor do povo brasileiro, e sobretudo a favor do povo nordestino. A seca, atualmente, não encontra o povo nordestino abandonado à própria sorte, desamparado e ignorado pelos governantes. Os males provocados pela estiagem, se ainda são muitos e se ainda são extensos, e nós temos o absoluto compromisso de superar isso, eles estão sendo enfrentados com firmeza.

Nós temos, hoje, uma rede de proteção social robusta, da qual nós nos orgulhamos, que evitou que a seca se transformasse em fome, em saques e em êxodo rural. Bolsa-Família, Brasil Carinhoso, benefícios previdenciários garantem ao povo do semiárido os recursos para viver... para sobreviver, e não se condenar à fome.

No entanto, diante da emergência, nós não estamos inertes. Ao contrário, nós, junto com os governadores, nos antecipamos ao agravamento da situação, e começamos a agir. Desde abril, o governo federal vem investindo R\$ 4 bilhões e 100 milhões em ações emergenciais para enfrentar os efeitos da seca. Apesar de nós quisermos nos livrar, em definitivo – todos nós, União, estados e municípios – dos carros-pipa, talvez nesse processo final, que eu acho que é a transição ao rumo das soluções estruturantes, nós fomos obrigados a fazer a maior operação de carros-pipa dos últimos anos. Nós colocamos, com a parceria entre o governo federal e os estados, o governo federal com o Exército, nós estaremos colocando, até o final do ano, 5 mil... em torno de aproximadamente 5 mil carros-pipa, mais 2 mil carros-pipa dos estados.

Nós também colocamos recursos para uma solução definitiva, que é a construção de cisternas. Até o final do ano, o Ministério da ministra Tereza Campello, o MDS, e o Ministério da Integração, do ministro Fernando Bezerra, tem de entregar para a população nordestina 160 mil cisternas. Eu digo para vocês que, pelo que eles entregaram até agora, nós achamos que eles conseguem. Portanto, é uma boa notícia.

Além disso, nós transferimos recursos para abrir poços artesianos, e também nós pagamos uma bolsa chamada Bolsa-Estiagem, que era de R\$ 400, mas nós ampliamos mais dois meses, totalizando R\$ 560 para todas aquelas famílias que, por um motivo ou por outro, perderam sua produção e precisam desse recurso para sobreviver esse período.

Além disso antecipamos o Garantia-Safra, que também foi ampliado em mais dois meses. E hoje o Garantia-Safra, por pessoa, está em R\$ 960, se eu não me engano. Com esses dois programas, nós atingimos um milhão e meio de famílias. Isso sem contar, aí, com o Bolsa-Família nem com o Brasil Carinhoso.

Nós podemos afirmar que a maioria das famílias das regiões atingidas pela seca encontra amparo nos programas sociais e nos programas emergenciais, e como eu estou olhando aqui para o Ministro da Agricultura, ministro Mendes Ribeiro, nós também temos um programa que é muito importante, que é o programa de levar o milho a um preço subsidiado para a população do semiárido nordestino que está perdendo... que está tendo perdas lamentáveis com o seu rebanho, a sua criação, e essa é uma das maiores preocupações emergenciais do governo federal hoje, e é uma ação que nós esperamos que a Conab cumpra com denodo.

Nós podemos afirmar também que nós, apesar de estarmos todos – governo federal, governo dos estados – comprometidos com a emergência, eu queria dizer que nós todos sabemos que o que vai mudar a realidade são as obras que mudam esse quadro de insegurança hídrica, os R\$ 20 bilhões de reais de investimentos que nós estamos utilizando para construir um novo cenário de oferta de água para a região.

Então, eu queria, agora, homenagear, aqui, essa equipe de governadores que, com ideias modernas, com visões contemporâneas do desenvolvimento, elas estão mudando a situação naquela região do país, e ajudando o governo federal também numa parceria, e os governo federal ajudando os governadores a mudar paradigmas e a fazer justiça a essa região e a esse povo que são, sem dúvida nenhuma, motivo de orgulho para o nosso Brasil.

Eu participei, na sexta-feira passada, de uma reunião da Sudene, e quero dizer que, de fato, nós demos um grande passo para a frente quando demos à Sudene um instrumento, que é a capacidade de financiar projetos naquela região.

Hoje, ao lançar o Mais Irrigação, eu reafirmo um compromisso: nós vamos derrotar a seca e vamos usar, para isso, o que nós temos de melhor no mundo da tecnologia, nós vamos usar o que há de melhor. Nós não vamos medir esforços. Eu tenho certeza que este, como é um projeto que nós pegamos todos juntos, é um projeto que nós seremos bem-sucedidos. A irrigação permanente e terras constantemente aproveitadas, sem sombra de dúvida, são a melhor resposta para a seca. Nós queremos este um modelo bem-sucedido, esperamos que ele se espalhe pelo Brasil, recriando oportunidades de produção e esperança.

O nosso sertão irrigado vai deixar de ser dependente da ajuda governamental, ele vai passar a ser fornecedor de produtos, ele passará a ser um dos maiores produtores de alimentos que o nosso país necessita, e o mundo também. A vítima da seca, nós queremos que a vítima da seca deixe de ser o flagelado de todos os anos, para se tornar um produtor rural de sempre. Eu acho que esse é o grande objetivo do Mais Irrigação.

Muito obrigada aos governadores e a todos os senhores.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-programa-mais-irrigacao-brasilia-df-21min30s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-programa-mais-irrigacao-brasilia-df-21min30s>) (21min30s) da Presidenta Dilma



# **14-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de assinatura do Memorando de Entendimento para realização da Competição Mundial de Formação Profissional Brasil 2015**

**São Paulo-SP, 14 de novembro de 2012**

Boa tarde a todos.

Eu queria cumprimentar o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Dizer a ele do meu prazer de estar aqui.

Cumprimentar o governador de Minas Gerais, o nosso querido Antônio Anastasia,

Cumprimentar o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab,

Cumprimentar também os ministros que me acompanham: Aloizio Mercadante, da Educação; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio; Gilberto Carvalho, da Secretaria Geral.

Queria dirigir um cumprimento especial ao senador Armando Monteiro Neto, ex-presidente da CNI,

E foco o meu cumprimento especial a um brasileiro que eu considero que deu uma grande contribuição na parceria entre o governo e a indústria, para promover a educação técnica, para promover a inovação e para promover a indústria brasileira, que é o nosso presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Andrade.

Queria cumprimentar o senhor Simon Bartley, presidente da WorldSkills,

Cumprimentar o senhor Fernando Haddad, prefeito eleito de São Paulo,

Cumprimentar o senhor Paulo Skaf, presidente da Fiesp, por intermédio de quem cumprimento todos os presidentes das federações das indústrias aqui presentes,

Queria cumprimentar os senhores jornalistas, senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Para mim é uma grande honra, sem dúvida, participar desta 7ª edição da Olimpíada do Conhecimento, que já é a maior competição de educação profissional das Américas. E é uma grande honra estar aqui, porque eu acho que são momentos como esses que mostram que o nosso país vem avançando no rumo correto, que é o rumo da educação. Esses 640 estudantes que foram selecionados, dos cursos técnicos e profissionalizantes do Senai e Senac, em todo o país, eles evidenciam a importância que nós, sociedade e governo, devemos dar à questão da educação profissional e da capacidade que a educação profissional tecnológica e técnica, tem para o nosso país.

O sucesso dessa Olimpíada, ele deve-se, sem dúvida nenhuma, a esses estudantes

talentosos, jovens brasileiros e brasileiras. Mas eu acredito que se deve a uma parceria entre o Senai, o Senac e a CNI. E, por isso, eu queria dar a essas entidades os meus aplausos e os meus parabéns.

A certeza da qualidade da formação profissional oferecida pelo Sistema S, motivou o governo federal a firmar com o Sistema S a nossa principal e estratégica parceria no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego, o Pronatec. Justamente porque nós reconhecemos essa excelência é que nós procuramos essa parceria.

Nós queríamos contar, quando fizemos essa parceria, com a alta qualidade, a alta capacidade de especialização que as escolas, o Sistema S, estavam evidenciando. Porque nós queríamos vencer um desafio. E desafios a gente vence melhor quando vence em conjunto com parceiros. E qual era esse desafio? É dar um passo significativo no que se refere à formação técnica tanto no ensino médio brasileiro quanto na formação de jovens e de trabalhadores. Por isso, esse desafio era chegarmos em 2014 com oito milhões de vagas em cursos técnicos de nível médio e em cursos de qualificação profissional no Brasil.

Passado pouco mais de um ano de lançamento do nosso programa, eu posso afirmar que, graças a essa parceria, o Brasil ganhou, e muito. Nós já oferecemos dois milhões e duzentas mil vagas para jovens e para trabalhadores. Isso, dados de outubro. Porque já houve uma evolução para novembro. Mas eu vou dar os dados fechados em outubro.

Hoje, nós temos 736 mil jovens cursando o ensino técnico de nível médio. Uma grande parte deles, hoje, fazem isso com essa parceria com o Senai e o Senac, com o Sistema S. Nós temos, também, outros 1,5 milhão de jovens e de trabalhadores que estão fazendo cursos de qualificação. Mais de 90% deles, no Sistema S. Para não deixar dúvidas sobre a importância dessa parceria, me permitam repetir: desses dois milhões e duzentas mil vagas, em torno de 1 milhão e 600 são com o Sistema S.

Esses resultados são muito bons. E se tornarão cada vez mais expressivos. Eu tenho certeza disso. Porque nós também estamos tomando outras medidas - como expandir o acordo de gratuidade que estabelecemos ainda quando o atual prefeito eleito de São Paulo, Fernando Haddad, era ministro da Educação, que foi o acordo de gratuidade em que pelo qual nós permitimos que jovens sem recursos para pagar o curso pudessem acessar a ele. E isso do ponto de vista da inclusão social, mas, também, da capacitação profissional e, portanto, do crescimento econômico, é algo essencial.

Essa parceria também vai ser reforçada pelo extraordinário investimento que o Senai está fazendo, também com o apoio do governo federal. O BNDES ofertou R\$ 1 bilhão e 500 mil, para que o Senai construísse algo que eu considero muito importante, que é a nossa jóia da coroa, que são os Centros de Inovação e Tecnologia Industrial, os Institutos de Inovação, as unidades móveis - que para um país com a nossa extensão territorial, elas vão fazer uma diferença muito grande -, os laboratórios, enfim, melhoria nas escolas, o que eu considero que seja um momento importante na capacitação profissional no Brasil.

Agora, uma coisa, para mim, é o mais importante dessa parceria: é a formação de uma nova geração de jovens, tanto no ensino médio, de jovens que estão entrando no mercado de trabalho, de trabalhadores, em cursos de alto nível, mas - e aí eu acho que está a questão essencial - sintonizados com as necessidades da indústria brasileira. Essa sintonia, que permite que esses cursos tenham a ver com as necessidades da nossa indústria, é que é a característica que eu considero revolucionária neste programa.

Portanto, governo e indústria, ao trabalharem juntos para garantir para as nossas empresas mão de obra de qualidade, dá um passo no sentido de assegurar mais competitividade, porque a qualificação, a capacidade de agregar conhecimento à produção é, de fato, o

grande diferencial deste século XXI.

Por isso, senhoras e senhores, essa sintonia que se faz, quando as parcerias são generosas, não se olha a quem ou para quem ela se dirige, não importa a cor, o gênero, não importa o sobrenome, importa pura e simplesmente que nós queiramos transformar as condições de formação da mão de obra no Brasil. Por isso, essa sintonia, ela é estratégica.

Eu acredito que nós damos um passo, também, porque a partir dessa edição da Olimpíada, as escolas federais de ensino técnico e tecnológico, elas passam também a participar das exposições, o que é uma excelente notícia, aproximando cada vez mais as escolas técnicas federais do sistema de formação profissional da indústria.

Esses 640 jovens que competem nesse torneio, eles são exemplos de criatividade, de persistência, de entusiasmo, e a gente nota, de paixão pelos estudos e pela diferença em alterar a realidade e mexer com a tecnologia e, de fato, inovar. São jovens que aceitam desafios e que ultrapassam as fronteiras. E nós queremos que o nosso país seja integrado por jovens empreendedores, criadores e, de fato, trabalhadores deste tipo.

Eu desejo a todos os participantes desta 7ª edição da Olimpíada do Conhecimento, especialmente aos 680 jovens, muito sucesso e muito boa sorte. Aos que forem selecionados para participar da 42ª edição da WorldSkills, em 2013, em Leipzig, na Alemanha, saibam que o Brasil estará torcendo por eles, orgulhosos por seus jovens tão dedicados e talentosos, e torcendo também para que a gente dê mais um passo e, do segundo lugar, cheguemos ao primeiro. E essa ousadia é uma ousadia sadia, porque uma das características desses jovens, eu tenho certeza, é uma imensa autoestima.

E aí eu queria agradecer aos senhores e dizer, mais uma vez, para o presidente da CNI, o presidente da Fiesp, em nome de quem eu estou falando para todos os presidentes de federações e diretores de federações de indústria aqui presentes: nós somos um país que precisamos da nossa indústria, o nosso país não pode e nem será um país ou de serviços ou um país só de um setor. Nós somos uma sociedade complexa. E se nós queremos, de fato, aumentar a nossa taxa de crescimento, se nós queremos, de fato, termos o desafio de chegarmos a ser uma sociedade cada vez mais avançada, nós precisamos da nossa indústria, tanto dos empregos de qualidade que ela gera como da capacidade da indústria de gerar inovação, de gerar ciência, aliás, de aproveitar ciência e gerar tecnologia. Mas, sobretudo, também, pelo fato de que a indústria, ela provoca, também, efeitos muito positivos nos demais setores, tanto na agricultura como no setor serviços. Aliás, eu acredito, sinceramente, que nós caminhamos para um mundo em que o conceito de serviço e o conceito de indústria vai se mesclar.

Por isso, esse é um momento muito especial, e eu agradeço a todos e, mais uma vez, digo da minha honra de estar aqui.

Muito obrigada.

Ouçã a íntgra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-do-memorando-de-entendimento-para-realizacao-da-competicao-mundial-de-formacao-profissional-brasil-2015-sao-paulo-sp-11min58s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-do-memorando-de-entendimento-para-realizacao-da-competicao-mundial-de-formacao-profissional-brasil-2015-sao-paulo-sp-11min58s)(11min57s) da presidenta Dilma

# 17-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a Primeira Sessão Plenária da Cúpula Ibero-Americana

**Cádiz-Espanha, 17 de novembro de 2012**

Quero, inicialmente, expressar meu agradecimento a sua Majestade, o Rei Juan Carlos, assim como ao povo espanhol e ao Governo do Primeiro-Ministro Mariano Rajoy, pela hospitalidade fraterna com que nos recebem.

Saúdo igualmente a presença entre nós de Sua Alteza Príncipe das Astúrias,

Cumprimento Enrique Iglesias, secretário-geral Ibero-Americano, Senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo presentes nesta 22ª Cúpula Ibero-Americana,

Senhoras e senhores ministros de Estado integrantes das delegações ibero-americanas,

Senhoras e senhores representantes dos organismos internacionais, Inicialmente, eu gostaria de fazer um registro: o Brasil estende sua solidariedade às vítimas do terremoto na Guatemala e às vítimas da tempestade Sandy em Cuba, no Haiti e na República Dominicana.

Senhoras e Senhores,

Desta belíssima cidade de Cádiz, há duzentos anos, partiram ideias e princípios que consagraram o Estado de Direito e a democracia. A Constituição de 1812, La Pepa, cuja inspiração revolucionária marcou várias gerações ibero-americanas, deixou-nos um legado de inclusão política e social. Nascida em Cádiz, La Pepa estendeu a cidadania plena a indígenas e mestiços, reconheceu o direito de voto aos mais pobres e aos não-letrados. Foi celebrada em todo o mundo hispano-americano.

La Pepa pode ser considerada também a primeira Constituição a vigorar em território brasileiro. A população amotinada nas ruas do Rio de Janeiro exigiu sua vigência ao Rei Dom João VI. Durou apenas um dia – o 21 de abril de 1821. Na mesma data, 30 anos antes, era enforcado o mártir da nossa independência, Tiradentes.

A celebração de Cádiz e de sua Constituição se inscreve, assim, em nossa trajetória de luta pela democracia com justiça social.

Senhoras e Senhores,

O panorama internacional de hoje é também distinto daquele de 1991, quando as nações ibero-americanas se reuniram pela primeira vez em Guadalajara, no México.

A crise financeira, que hoje afeta a Europa, golpeia de forma particular a península ibérica. Sabemos que Portugal e Espanha estão diante de tarefas de complexa solução. Mas sabemos, também, da força desses países, da energia criativa de suas sociedades, de sua capacidade de superação, tantas vezes comprovada ao longo dos séculos.

Temos assistido, nos últimos anos, aos enormes sacrifícios por parte das populações dos países que estão mergulhados na crise: reduções de salários, desemprego, perda de benefícios. As políticas exclusivas, que só enfatizam a austeridade, vêm mostrando seus limites: em virtude do baixo crescimento, e apesar do austero corte de gastos, assistimos ao crescimento dos déficits fiscais e não a sua redução. Os dados e as previsões para 2012 e 2013 mostram a elevação dos déficits e a redução dos PIBs.

O Brasil vem defendendo, inclusive no âmbito do G20, que a consolidação fiscal exagerada e simultânea em todos os países não é a melhor resposta para a crise mundial – e pode, inclusive, agravá-la, levando a uma maior recessão.

Sabemos que os impactos da crise são diferentes entre os países, e as respostas à crise também têm suas diferenças e produzem consequências diversificadas. O equívoco, porém, é achar que a consolidação fiscal coletiva, simultânea e acelerada seja benéfica e resulte numa solução efetiva.

O que temos visto são medidas que, apesar de afastarem o risco de uma quebra financeira, não afastam a desconfiança dos mercados e, mais importante ainda, não afastam a desconfiança das populações. Confiança não se constrói apenas com sacrifícios. É preciso que a estratégia adotada mostre resultados concretos para as pessoas, apresente um horizonte de esperança e não apenas a perspectiva de mais anos de sofrimento.

A atividade econômica mais fraca em 2012, as perspectivas para os anos seguintes, o sofrimento das populações colocam, assim, na ordem do dia a necessidade do crescimento. Urge que os países superavitários também façam a sua parte, aumentando seu investimento, seu consumo, e importando mais.

O que parece cada vez mais claro é que sem crescimento será muito difícil o caminho da consolidação fiscal. Os ajustes serão cada vez mais onerosos socialmente e cada vez mais críticos politicamente.

O Brasil tem implementado medidas de estímulo econômico sem comprometer a prudência fiscal. Também fomos atingidos pela crise, através da redução dos mercados internacionais, mas estamos ampliando os investimentos públicos e privados em infraestrutura. Além disso, reduzimos a carga tributária sobre a folha de pagamento e fizemos a reforma previdenciária dos servidores públicos.

Promovemos programas sociais que, além de seus efeitos de distribuição de renda, contribuem para manter a demanda interna. Temos logrado, assim, apesar da crise internacional, manter o desemprego em níveis bastante baixos.

Quando nos reunimos em Guadalajara, duas décadas atrás, a América Latina ainda vivia as consequências de sua “crise da dívida”. Os governantes de então, aconselhados pelo Fundo Monetário Internacional, acreditavam, erradamente, que apenas com drásticos e fortes ajustes fiscais poderíamos superar com rapidez as gravíssimas dificuldades econômicas e sociais nas quais estávamos mergulhados. Levamos assim duas décadas de ajuste fiscal

rigoroso tentando digerir a crise da dívida soberana e a crise bancária que nos afetava e, por isso, neste período, o Brasil estagnou, deixou de crescer e tornou-se um exemplo de desigualdade social.

Nossos esforços só resultaram em solução quando voltamos a crescer. Pagamos a dívida externa e acumulamos quase US\$ 380 bilhões de reservas e mudamos nosso modelo de desenvolvimento, ao compatibilizar crescimento econômico, contas públicas robustas, controle da inflação e distribuição de renda.

Hoje, não só o Brasil, mas toda a América Latina, dá demonstrações de dinamismo econômico, de vigor democrático, de maior equanimidade social, graças às políticas que privilegiaram o crescimento econômico com inclusão social.

No Brasil, como em outros países da região, realizamos uma grande transformação nos últimos anos. Consolidamos um modelo de desenvolvimento onde o enfrentamento das desigualdades tornou-se o eixo do crescimento econômico. Na última década, nós, no Brasil, retiramos da pobreza 40 milhões de brasileiros e incorporamos a um mercado de quase 200 milhões de pessoas.

Acreditamos, senhoras e senhores, na construção de um mundo plural, onde o multilateralismo será o grande instrumento de cooperação. Por isso, aprofundamos nossa integração regional. O Mercosul se expandiu, com a adesão da Venezuela, e fortaleceu-se com a criação de um Fundo de Convergência Estrutural, que ajuda a diminuir as assimetrias entre os países que o integram. A Unasul tem-se revelado instrumento inestimável para a integração da infraestrutura continental e para a cooperação em áreas essenciais, como a de defesa. Em perspectiva mais ampla, os 33 países latino-americanos e caribenhos estão, hoje, reunidos na Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC).

Neste momento, estamos diante de um novo desafio, o da competitividade. Nele tem espaço, nesse espaço de construção da competitividade em nossos países, tem espaço e importância a cooperação com o mundo ibérico. Este desafio reúne alguns dos principais temas incluídos na agenda desta Cúpula.

A competitividade nos remete à necessidade de contínuo desenvolvimento das nossas relações comerciais, de contínuo desenvolvimento da infraestrutura de nossos países e abre espaço para uma cooperação efetiva dos nossos países latino-americanos com Espanha e Portugal.

A competitividade exige a redução do custo de capital, a ampliação dos mecanismos de financiamento de longo prazo, a criação de um forte mercado de capitais, o aprimoramento educacional, a geração de tecnologia e inovação. Ela nos remete à cooperação que deve ampliar a presença recíproca de nossas empresas, produtos, serviços em nossos respectivos mercados. Enfim, à cooperação nas áreas tecnológicas, de inovação e educacional. Neste sentido, lançamos o Programa Ciência Sem Fronteiras, que está enviando mais de 100 mil estudantes, até 2014, às melhores universidades do mundo. Encontramos parceiros de primeira hora dentre os países europeus, particularmente Espanha e Portugal. Este é um bom exemplo de cooperação no espaço ibero-americano.

Estamos também realizando grandes obras no Brasil, em matéria de logística e transportes, na produção e distribuição de energia, na exploração de petróleo e gás, na rede de comunicações, além de importantes investimentos na área social.

A cooperação e a melhoria da competitividade requerem que asseguremos um ambiente econômico favorável às empresas parceiras de todos os pontos do mundo, em especial me refiro aqui à Espanha, a Portugal e, sobretudo, aos países latino-americanos, nesses investimentos. Daremos integral prioridade às pequenas e médias empresas e ao empreendedorismo.

Por isso é muito oportuno que aproveamos, nesta oportunidade, uma “Carta Ibero-Americana da Micro, Pequena e Média Empresa”.

Mas não se pode construir um efetivo ambiente de cooperação e que melhore as condições de competitividade em nossos países descuidando da proteção social e da promoção do trabalho decente, tal como definido no âmbito da OIT. Nosso desafio consiste em buscar a competitividade por meio da inovação tecnológica, pelo aperfeiçoamento dos processos produtivos, da logística de distribuição, da redução da carga tributária e não, como tantas vezes no passado, pela precarização do trabalho, pela penalização do trabalhador e pela redução de direitos sociais, que comprometem as bases do nosso insipiente estado de bem-estar social. Desenvolvimento não se faz com desigualdade, desenvolvimento sustentável se faz com a justiça social.

Por isso é fundamental também que continuemos a trabalhar pelo fortalecimento e pela preservação de nossos vínculos culturais. Eles não se limitam aos países ibero-americanos. Sem o continente Africano não somos capazes de contar a nossa História. Por essa razão, apoiamos as iniciativas, da Secretaria-Geral Ibero-Americana, de dar maior visibilidade às contribuições sociais, culturais, políticas e econômicas dos afrodescendentes na América Latina e no Caribe. Por isso apoiamos também a nossa relação privilegiada com os países da África. Elas são fundamentais para superarmos o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e toda as formas de intolerância.

Senhoras e Senhores,

Esta Conferência está alicerçada em profundas afinidades culturais e na defesa de valores comuns. Ao estreitarmos nossa cooperação a partir de um mesmo compromisso com a paz e a democratização do sistema internacional; com o desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente e a justiça social; com o combate determinado à xenofobia e intolerância; estaremos dando vida ao espírito humanista e visionário de Cádiz.

Deixo aqui meus votos para que nossa parceria continue a produzir frutos e a aproximar-nos mais na busca de nossos objetivos comuns e na superação dos desafios que temos pela frente.

Muito obrigada.

■  
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-primeira-sessao-plenaria-da-cupula-ibero-americana-cadiz-espanha-14min57s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-primeira-sessao-plenaria-da-cupula-ibero-americana-cadiz-espanha-14min57s>) (14min57s) da presidenta Dilma.

# 19-11-2012 - Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, após encontro bilateral com o Presidente de Governo espanhol, Mariano Rajoy

Madri-Espanha, 19 de novembro de 2012

## PRIMEIRA PARTE

**Presidente Mariano Rajoy:** (em espanhol)

**Presidenta Dilma:** Senhoras e senhores, o presidente Mariano e eu mantivemos uma reunião de trabalho do mais alto nível, na qual desenvolvemos um diálogo franco e produtivo sobre a situação e o estado das nossas relações bilaterais. Eu reiterei ao Presidente meu agradecimento pela acolhida que o governo e o povo espanhol nos dispensaram aqui, em Madri e em Cádiz, onde participamos da 22ª Cúpula Ibero-Americana.

O presidente Rajoy e eu consideramos que a relação entre o Brasil e a Espanha vive, hoje, um momento promissor. Há interesse recíproco no aprofundamento do diálogo, do intercâmbio e da cooperação. Concordamos em avançar em iniciativas concretas, para dar novo dinamismo à parceria estratégica já estabelecida entre a Espanha e o Brasil.

Em 2011, o intercâmbio comercial bilateral de nossos países alcançou um resultado histórico de US\$ 8 bilhões. A Espanha também é o segundo maior investidor externo no Brasil, com um estoque de capital em torno de US\$ 85 bilhões, aplicados em setores estratégicos para o desenvolvimento do Brasil. O nosso país, por sua parte, é um dos principais investidores na Espanha, entre os países emergentes.

Nós, Espanha e Brasil, vamos trabalhar juntos para aumentar e diversificar ainda mais os fluxos recíprocos de comércio que, mesmo tendo atingido esse patamar, nós consideramos aquém do nosso potencial dos investimentos e estimular a crescente participação das pequenas e médias empresas neste processo.

Decidimos também aproveitar melhor o potencial de cooperação em ciência, tecnologia e inovação em domínios que abrangem a gestão de recursos hídricos, a cooperação industrial para a defesa, a indústria naval, a construção de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos, a nanotecnologia e a área de petróleo e gás.

Expressei minha satisfação com a acolhida recebida pelos mais de 2.100 estudantes brasileiros na Espanha, o quarto principal destino de bolsistas de nosso Programa Ciência Sem Fronteiras. As universidades espanholas deverão receber, até 2014, oito mil estudantes de meu país nesse programa.

Temos avançado também na cooperação cultural. O Centro de Estudos Brasileiros, em

Barcelona, e a Casa Brasil, em Madri, contribuem para a difusão da cultura brasileira na Espanha. E o Brasil é sede de Institutos Cervantes que difundem a língua e a cultura espanhola em meu país. O acordo de estabelecimento dos centros culturais agora vigentes abrirá novas oportunidades para o diálogo entre nossas ricas manifestações culturais. A Fundação Conselho Espanha-Brasil, aqui, assim como o trabalho que vem sendo realizado no Brasil pelo Instituto Velázquez, estreitam os laços entre nossas sociedades.

Registramos com satisfação os progressos alcançados no tratamento dispensados a viajantes brasileiros na Espanha. Os entendimentos mantidos ao longo dos últimos meses têm surtido efeitos positivos. Temos que consolidar e ampliar esses avanços para estimular cada vez mais os fluxos de pessoas entre a Espanha e o Brasil, de forma compatível com os vínculos históricos de amizade fraterna que nos une.

O presidente Rajoy e eu discutimos também a ampliação das nossas parcerias em todas as áreas estratégicas e que estão em permanente crescimento no Brasil, a saber: a presença de investidores espanhóis nas áreas de rodovias e ferrovias, trem de alta velocidade, portos, aeroportos, é para nós uma excelente contribuição no que se refere ao crescimento dos investimentos privados no Brasil. Também discutimos temas regionais e globais. Expus a ele o avanço do processo de integração da América do Sul, uma região de paz, de crescente prosperidade e justiça social. Falei-lhe da importância da adesão da Venezuela ao Mercosul e da consolidação da Unasul como uma instância regional de integração econômica, social e política.

Estivemos de acordo quanto à importância estratégica das negociações entre o Mercosul e a União Europeia, com vistas a um acordo equilibrado, que permita ampliar as correntes de comércio entre as duas regiões, de forma benéfica para as duas.

Sobre os temas relacionados com a paz e a segurança no mundo, expressei minha preocupação com a situação de violência na Faixa de Gaza, que tanto sofrimento já causou ao povo daquela região. O processo de paz entre Israel e Palestina, cujo único caminho possível é a coexistência pacífica dos dois Estados, permanece condição fundamental para a paz na região e no mundo.

Confirmamos, nesta visita, que o Brasil e a Espanha são sócios estratégicos, com uma densa agenda de trabalho pela frente. O desenvolvimento de cada um dos nossos países terá muito a ganhar com o aprofundamento dessa parceria.

Ao mesmo tempo, considero fundamental essa cooperação entre o Brasil e a Espanha, tendo em vista a situação de crise econômico-financeira que afeta, com particular incidência, a Europa. O Brasil pode e será uma forma pela qual esses países desta região do mundo, que deram uma grande contribuição ao construir, das cinzas da 2ª Guerra Mundial, um dos maiores produtos humanos, que foi a União Europeia e o euro, o Brasil, portanto, pode e deve contribuir para que haja mais crescimento econômico, mais possibilidades de solução para a crise, porque ela necessariamente passa pelo crescimento.

Muito obrigada.

**Jornalista:** Buenos dias, senhoras e senhores. A minha pergunta, inicialmente, é para a senhora, mas queria perguntar também ao presidente Rajoy. A senhora tem insistido, em todas as suas viagens à Europa, na necessidade de crescimento e na crítica às políticas de austeridade que têm sido seguidas na Europa e da qual a Espanha é um dos alunos mais aplicados. Mais recentemente, ganhou o apoio do presidente da França, François Hollande, na mesma pregação e, mais recentemente ainda, do Fundo Monetário Internacional, que

reconhece que o excesso de austeridade pode prejudicar a recuperação econômica.

Eu queria saber o que falta, na sua visão, para que essas críticas passem do estado de lamúria em que se encontram há dois anos, pelo menos, desde a senhora Presidente, para políticas concretas de apoio ao crescimento e ao progresso do país.

E ao presidente Rajoy (em espanhol)

**Presidenta Dilma:** Querido jornalista Clóvis Rossi, eu considero que a combinação de austeridade e crescimento é a melhor maneira de superar os desafios colocados por uma crise. Até porque, como todos nós no Brasil sabemos, nós temos uma experiência em que o baixo crescimento, ao invés de diminuir a dívida e o déficit, faz apenas aumentá-lo. Assim sendo, nós consideramos que equilíbrio fiscal e crescimento, controle da inflação e políticas de distribuição de renda são absolutamente compatíveis, não são antagônicas. Ao contrário, eu acredito que são completamente interdependentes.

Eu acredito que a União Europeia tem – e principalmente a Zona do Euro – tem todas as condições, pela riqueza acumulada e por todo o potencial dos seus povos, de sair dessa solução. E considero que tem um componente muito forte, nesse momento de crise, que é uma especulação contra o euro. Uma vez que o euro é uma das grandes contribuições que a Europa deu ao mundo, mostrando que é possível criar uma zona de cooperação e que essa zona de cooperação, ela pode vir a ser, como é o caso da Europa, o primeiro mercado consumidor do mundo, eu acredito que a Europa tem todas as condições de sair da crise. E espero que não se adote políticas pouco pragmáticas. O pragmatismo é uma forma muito, eu diria assim, eficaz, quando se trata de encarar a crise da dimensão que se encara aqui na Europa.

Nós sabemos que essa crise vem lá de trás, de 2008, quando quebra o Lehman Brothers. Nós sabemos também que, de lá para cá, ela contagiou algumas partes do mundo. Eu tenho a firme convicção de que é fundamental esse caminho de crescimento para a Europa, para evitar a face mais negra da crise, que é o desemprego, que nós conhecemos no Brasil, que é o aumento da desigualdade. E, francamente, acredito que esforços estão sendo feitos nesse sentido, e espero que principalmente os países aqui, do mundo ibérico, tenham a oportunidade de ter, eu diria, uma flexibilização maior, no que se refere à forma de encaminhar a crise. Isso significa crescer e, ao mesmo tempo, construir as condições do ajuste no médio e no longo prazos.

**Presidente Mariano Rajoy:** (em espanhol)

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidenta Dilma:** Eu não tenho a menor pretensão, aqui, de dar uma receita para a Espanha, até porque não conheço a situação da Espanha. Estou falando a respeito do que eu considero que deve ser uma atitude diante da crise a partir da experiência do meu país, dos erros do meu país.

Nós tivemos, durante duas décadas, só a perspectiva do ajuste fiscal. E só conseguimos, de fato, sair de uma situação de crise e modificar a situação do Brasil quando fizemos e combinamos robustez fiscal, ou seja, controle dos gastos públicos com crescimento; quando combinamos controle da inflação com distribuição de renda; quando apostamos no nosso mercado interno e desenvolvemos também uma política de exportações.

Eu acredito firmemente que os recursos da União Europeia e até atitudes do Fundo Monetário Internacional para com a Europa, é bem... os recursos da União Europeia são maiores e a atitude do Fundo Monetário Internacional para com este momento, também reflete o aprendizado do Fundo Monetário Internacional, porque não receitava para nós, em

nenhum momento, nada que não fosse cortar salários, desemprego e ajuste.

Se tivesse tido a consideração de nos tratar de uma forma mais, eu diria, compreensiva, toda a América Latina teria saído antes da crise. De outro lado, o que eu considero importante, são duas afirmações: uma, que o euro é, sem sombra de dúvida, uma grande obra de um conjunto de homens e mulheres que tiraram das cinzas da 2ª Guerra Mundial, juntamente com a União Europeia, com a cooperação regional, que construíram um dos maiores mercados do mundo, e que esse, esse produto, ele não pode desaparecer.

Portanto, eu considero que tem uma questão política central, que é a afirmação da importância do euro, não só para a Europa como para o resto do mundo. Portanto, a especulação contra o euro é algo que tem de ser combatida e não pode ser objeto de considerações só dos mercados.

A segunda questão que eu quero dizer é que do ponto de vista econômico stricto sensu, é muito difícil sair de uma crise sem um mínimo de crescimento. A nossa experiência é que a cada ajuste aprofundava-se o déficit e a dívida, e você não conseguia sair daquela situação, essa é a experiência do Brasil. E diante dos fatos atuais, eu considero muito importante também uma mobilização de todo o mundo, como foi feita em 2008/2009, para que houvesse uma cooperação efetiva para a saída da crise, para que todos os países contribuíssem para isso.

Nós não temos só essa ameaça da União Europeia, em termos de crise internacional, nós temos também o chamado “abismo fiscal” ou fiscal cliff, que pode afetar os Estados Unidos e que nós esperamos que não ocorra, esperamos que não ocorra porque, para todo o mundo, de uma forma ou de outra, ninguém é uma ilha, todo o mundo é afetado pelas consequências de processos como esse.

Então, considero que muito foi feito até agora, porque foi evitado aqui, na Europa, uma situação similar àquela do Lehman Brothers e isso é algo a ser registrado, foi evitado, houve medidas concretas que foram tomadas. Eu continuo esperando que isso ocorra, esperando que o caminho para a saída da crise na Europa evite, cada vez mais, o sofrimento das pessoas e o desemprego.

E o Brasil – vou reiterar – ele se coloca numa atitude de cooperação com a Espanha, Portugal e os países europeus, nessa questão de se tornar também uma oportunidade para se manter um grau de, enfim, de atividade econômica compatível com uma economia, um povo e um país com as características do espanhol.

**Presidente Mariano Rajoy:** (em espanhol)

▣ Ouça a íntegra da [declaração](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-seguida-de-entrevista-concedida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-encontro-bilateral-com-o-presidente-da-espanha-mariano-rajoy-30min52s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-seguida-de-entrevista-concedida-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-encontro-bilateral-com-o-presidente-da-espanha-mariano-rajoy-30min52s>)(30min52s) da Presidenta Dilma

# 19-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de abertura do Seminário "Brasil en la Senda del Crecimiento"

Madri-Espanha, 19 de novembro de 2012

...de Estado do Brasil e da Espanha,

Cumprimentar as senhoras e os senhores participantes do Seminário Brasil na Senda do Crescimento,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Quero, em primeiro lugar, cumprimentar os jornais Valor Econômico e *El País*, organizadores deste seminário. Ambos se tornaram referência obrigatória de leitura para todos que se interessam pelos grandes temas da atualidade, tratados de maneira séria, responsável e plural.

A mediação de uma imprensa livre, isenta e democrática constitui requisito indispensável para consolidar o caminho dos povos em seu processo de desenvolvimento. Isso é particularmente relevante num momento em que uma crise profunda atinge os países desenvolvidos e afeta também os países emergentes.

Iniciada em 2008, a crise econômica ganhou novos e inquietantes contornos. A opção por políticas fiscais ortodoxas vem agravando a recessão nas economias desenvolvidas, com reflexos nos países emergentes.

As principais lideranças do mundo desenvolvido não encontraram ainda o caminho que articula ajustes fiscais apropriados e estímulos ao investimento e ao consumo. Esses estímulos são indispensáveis para interromper a recessão e garantir o crescimento econômico.

O corte radical de gastos, a política monetária exclusiva e a retirada de direitos não podem ser as únicas respostas para resolver as questões que estão colocadas pelas dívidas soberana e bancária, pelas bolhas imobiliárias e pela desconfiança do mercado. A consequência de tal receituário é, ao contrário, o aumento da desconfiança da população e dos mercados, diante da ineficácia das medidas que são tardiamente tomadas.

Difícilmente os mercados acreditarão na estabilidade financeira e na garantia das dívidas sem uma união bancária, que é urgente, sem um Banco Central com poderes para defender, de forma ampla, a moeda, um Banco Central com poder para emitir títulos, um Banco Central com efetivo papel de prestador de última instância. Os mercados estão refluindo desaparece o crédito interbancário e fragmenta-se todo o espaço econômico.

As medidas tomadas até agora foram importantes, sem sombra de dúvidas elas evitaram que houvesse uma crise sistêmica, uma crise do tamanho daquela do *Lehman Brothers*. É verdade que, além da Europa, os Estados Unidos também passam por dificuldades, e nós esperamos que a questão do chamado “abismo fiscal” tenha uma solução adequada e que fuja das contradições entre os dois partidos.

Já do ponto de vista da população, a desconfiança passa a estar baseada no aumento sistemático do desemprego, no aumento da pobreza e numa espécie de desalento que toma conta das famílias e da sociedade. Na constatação de que, apesar de cortar as despesas, o déficit e a dívida pública estão aumentando, as pessoas também ficam com uma visão muito negativa da realidade. Com tristeza vemos a pobreza mostrar sua face maligna nas economias desenvolvidas e as classes médias serem reduzidas ou fortemente impactadas. Tudo isso, ao ampliar a desigualdade, destrói as bases da sociedade de bem-estar social, que foram duramente construídas.

O Brasil sabe, por experiência própria, que a dívida soberana dos Estados e a dívida bancária e financeira não são equacionadas num quadro recessivo. Ao contrário, a recessão só agudiza a crise e transforma em insolvência problemas que inicialmente eram de apenas liquidez. Sobretudo, cobram um preço social elevado que, muitas vezes, pode levar a situações políticas difíceis e à descrença na democracia e à xenofobia.

É urgente a construção de um amplo pacto pela retomada coordenada do crescimento econômico. Pacto que torne e tome iniciativas que impeçam a desesperança provocada pelo desemprego e pela falta de oportunidades.

Senhoras e senhores aqui presentes,

Meu país tem feito a sua parte. Nós também fomos impactados pela crise, como todos os outros países. Mas, apesar da redução conjuntural de nosso crescimento, estamos mantendo o nível de emprego em patamares extremamente elevados, continuamos reduzindo a desigualdade social e aumentamos significativamente a renda dos trabalhadores. Nós estamos esperando e trabalhando para isso, para que, em 2013, tenhamos um crescimento muito significativo.

Superamos a visão incorreta que contrapõe, de um lado, as medidas de incentivo ao crescimento e, de outro, os planos de austeridade. Esse é um falso dilema. A responsabilidade fiscal é tão necessária quanto são imprescindíveis medidas de estímulo ao crescimento, pois a consolidação fiscal só é sustentável em um contexto de recuperação da atividade econômica.

A história revela que a austeridade, quando exagerada e isolada do crescimento econômico, derrota a si mesma. A opção do Brasil tem sido a de enfrentar, simultaneamente, esses desafios, mesmo que algumas vezes usando o tempo como uma forma de ajuste.

Ao mesmo tempo em que observamos um estrito controle das contas públicas, aumentamos nossos investimentos em infraestrutura e educação. Ao mesmo tempo em que controlamos a inflação, atuamos vigorosamente nas políticas de inclusão social e combate à pobreza. E, ao mesmo tempo em que fazemos reformas estruturais na área financeira e previdenciária, reduzimos a carga tributária, o custo da energia e investimos em conhecimento para produzir tecnologia e inovação.

Há momentos em que não podemos escolher entre uma ou outra alternativa. Há que desenvolvê-las de forma articulada. Por isso, defendemos que as regiões em crise adotem uma estratégia que abra mais espaço para estímulos fiscais imediatos, escorados por planos de consolidação de médio e longo prazo. Defendemos medidas anticíclicas principalmente

dos países superavitários que devem consumir mais, investir mais, importar mais e ser capazes de ajudar na adequação de todos os ajustes. Portanto, nós temos consciência de que se todos fizerem ajustes simultâneos, o resultado é a recessão. Fazer ajustes simultâneos seria, sem dúvida, uma estratégia perversa. Tal estratégia, aquela de articular a austeridade com o crescimento e defasá-los no tempo seria, sem dúvida, menos perversa para as famílias e para as empresas.

Senhoras e senhores presentes,

O que singulariza o Brasil de hoje é sua determinação em se tornar um país de oportunidades, em que todos os seus filhos e filhas, independentemente da origem social, raça e gênero, possam vislumbrar um futuro melhor. Nós queremos, de fato, um país de classe média, com mobilidade social, vivo e dinâmico, fortalecido pelas suas riquezas naturais mas, sobretudo, pela grande capacidade de criar de seu povo.

É, portanto, com muito interesse que venho a este encontro para compartilhar reflexões sobre o momento atual do Brasil. Nós vivemos na última década, a partir do governo do presidente Lula, uma grande transformação.

Nós tivemos profundas mudanças econômicas, sociais e políticas que explicam, mais do que quaisquer outros fatores, a nova presença que meu Brasil tem hoje no mundo. Essas mudanças têm nos permitido assentar as bases sólidas e duradouras do nosso desenvolvimento e ajudam a entender porque estamos sendo capazes de atravessar melhor este período de turbulências econômicas internacionais.

Depois de 20 anos de estagnação ou de crescimento medíocre da nossa economia, com graves consequências sociais, implementamos uma política econômica na qual a redução das desigualdades de renda e oportunidade passou a ser um grande fator de dinamismo.

A combinação de salários efetivos reais com a criação de empregos formais – 3,7 milhões de empregos formais entre janeiro de 2011 e setembro de 2012 – asseguram ao país um quadro de renda crescente e de aumento da mobilidade social. Aliás, nos últimos 10 anos criamos 17 milhões de empregos formais. Além disso, os programas de transferência de renda para a população mais pobre somados à duplicação do crédito determinam a criação de um grande, um muito grande mercado de consumo de massa.

Nos últimos anos, mais de 40 milhões de brasileiros passaram da pobreza à classe média, o que lhes permitiu adquirir bens e serviços antes inacessíveis. Hoje, em torno de 105 milhões de homens e mulheres integram o que muitos têm denominado de a “nova classe média” brasileira.

Em 2011, o Brasil foi o terceiro maior mercado mundial de computadores pessoais e o 5º mercado de telefones celulares. Mais de 61 milhões de brasileiros têm acesso à *internet* e este número está em contínua expansão. O Brasil é hoje o 4º maior mercado de consumo no mundo de alimentos e bebidas, automóveis, motocicletas e o 3º em computadores e em geladeiras.

Desde o ano passado, complementamos o programa “Bolsa Família”, que hoje beneficia 13 milhões de famílias. Também temos uma nova iniciativa: o “Brasil sem Miséria”, voltado para atender os cerca de 16 milhões de brasileiros que, em 2011, ainda se encontravam em situação de extrema pobreza. Focamos agora principalmente nas famílias com crianças, assegurando a elas uma maior renda.

A inclusão bancária está permitindo o acesso ao crédito a um número cada vez maior de pessoas. A relação crédito/PIB, que está hoje em torno de 51,5% era, há dez anos, de apenas 25%.

O mais relevante é que o centro do nosso modelo de desenvolvimento, é que tenhamos podido retomar o crescimento e, ao mesmo tempo, distribuir renda garantindo o equilíbrio macroeconômico: inflação sob controle, dívida pública em 35% do PIB, com trajetória descendente, reservas cambiais de cerca de US\$ 380 bilhões. Nós, que fomos completamente os mais graves devedores, durante mais de 20 anos.

A redução da vulnerabilidade externa do Brasil e o vigor de seu mercado interno ajudam a explicar a atração exercida sobre o investimento estrangeiro. O investimento direto externo no Brasil atingiu US\$ 66,7 bilhões em 2011 e, até setembro de 2012, chega a US\$ 63,8 bilhões.

Senhoras e senhores,

O progresso até aqui alcançado nos coloca diante de um novo desafio: é necessário fazer com que a nossa economia seja mais ágil, mais leve, mais competitiva.

A competitividade que almejamos é um meio para aumentar a qualidade de vida da população e garantir mais empregos e crescimento econômico. A competitividade que queremos não resulta da redução da renda e dos direitos dos trabalhadores ou da degradação das políticas sociais.

Queremos reproduzir na indústria, sobretudo na indústria, também no setor de serviços de nossa economia, a exitosa experiência que o Brasil teve e que fez dele uma potência agropecuária, produtora de alimentos e de agroenergia, agregando às condições naturais do país tanto a eficiência do trabalho, quanto as descobertas tecnológicas, da ciência, a inovação e as oportunidades que uns centros de educação nesta área ofereciam.

A maior competitividade da economia brasileira, portanto, envolve nossa firme decisão de investir no desenvolvimento científico e tecnológico, no fortalecimento da capacidade de inovação de nossas empresas e na formação profissional, tudo isso em parceria com o setor privado. Por essa razão, criamos também o programa “Ciência sem Fronteiras”, pelo qual estamos enviando mais de cem mil estudantes e pesquisadores brasileiros para centros de excelência pelo mundo afora.

Ao mesmo tempo, estamos reduzindo o custo de capital do país e, portanto, do investimento. Criamos as condições para alterar o mix de juros e câmbio em nossa economia, reduzimos a apreciação cambial de nossa moeda e fizemos os juros internos começarem a convergir para um patamar mais condizente ao do mercado internacional.

Um elemento central de nossa estratégia é a solução dos gargalos históricos da nossa infraestrutura. Para isso, para solucionar esses gargalos, nós priorizamos investimentos em logística e em energia. Na área de logística estamos prevendo licitações para a construção de trem de alta velocidade, de ferrovias, rodovias, portos e aeroportos. Na área de petróleo e de gás estamos prevendo leilões para os regimes de partilha e de concessão de blocos de exploração em março e novembro de 2012. Na área de energia elétrica continuamos com as nossas licitações anuais.

Em todos esses setores apostamos tanto na participação de empresas privadas como nas parcerias entre o setor privado e o setor público. Para tais investimentos queremos que as empresas privadas brasileiras e internacionais assumam um papel ativo e de protagonismo.

Outro fator importante está sendo a redução da nossa carga tributária, em especial a desoneração da folha de pagamento das empresas, o que barateia o custo da mão de obra, o que é importante para uma maior competitividade do país. Importante também está sendo a redução do custo da energia, tendo em vista que os contratos estão vencendo, os contratos de concessão e também providenciamos a eliminação de vários encargos, o que resultará na diminuição dos custos de produção industrial do país. Consideramos que o nosso país tem de

ter, na indústria, um elemento fundamental, tanto por ser intensiva em capital quanto por ser capaz de disseminar, ao longo de todas as cadeias produtivas, as inovações que incorporam.

Somos um país que aprendeu com seus próprios erros, sobretudo isto: somos um país que aprendeu. Dispomos, hoje, porque lutamos para construí-lo, de um setor financeiro robusto, resultado da ação rigorosa dos agentes reguladores, em especial de nosso Banco Central. Nos anos 90, tivemos uma muito profunda crise bancária. Hoje, exigimos o cumprimento estrito dos requisitos de capital necessários para manter a solidez de nosso sistema financeiro. Por isso mesmo, os nossos bancos não foram atingidos nesta crise.

Celebramos nossa matriz energética, assim como os bons resultados obtidos na redução do desmatamento na Amazônia. Lembro aqui as metas de 36% a 39% de redução da emissão de gases de efeito estufa, que nós, voluntariamente, assumimos, a partir da Conferência de Copenhague. E essas iniciativas também, e credenciais, nos permitiram receber a Conferência Rio+20 das Nações Unidas e contribuir para o seu êxito.

O Brasil também não descuidou das trocas com os parceiros tradicionais. É falsa a noção de que mais comércio com outros países em desenvolvimento implique em menos intercâmbio com a União Europeia ou os Estados Unidos. O Brasil é um país que deve se abrir, ainda tem uma abertura baixa para o exterior, e ela foi extremamente atingida pela crise. Nós não temos subtraído, no que se refere ao comércio internacional, mas multiplicado, ampliamos estrategicamente o leque das relações comerciais com a América Latina, com a África, com os BRICS, com a Ásia e o Oriente Médio.

Buscamos o fortalecimento de nosso comércio exterior, com a ampliação de mercados e iniciativas nos organismos multilaterais a fim de deter a marcha insensata do protecionismo. Em especial, temos sistematicamente criticado o uso abusivo das políticas monetárias expansionistas que desvalorizam artificialmente as moedas dos países desenvolvidos e se tornam hoje no principal instrumento de protecionismo. Me refiro aqui, sobretudo, aos *quantitative easing 1, 2 e 3*.

O Brasil está, na verdade, construindo uma nova inserção no mundo. Uma nova inserção que decorre muito dos avanços que nós realizamos dentro do país.

Nós hoje nos inserimos de forma distinta no mundo porque avançamos no combate à desigualdade, porque valorizamos nosso mercado interno doméstico, porque passamos a crescer e exportar e importar mais, porque deixamos de ser o eterno devedor internacional e agora emprestamos para o Fundo Monetário, porque valorizamos nossas *commodities* e nossos produtos manufaturados, porque respeitamos nossos parceiros e vivemos num mundo de paz com nossos vizinhos, porque vivemos em democracia.

Nossa presença internacional é marcada pela reafirmação de valores como o respeito à soberania das nações e à autodeterminação dos povos, de não-ingerência, de busca da paz e da solução negociada dos conflitos, e uma ênfase especial no que se refere à origem, uma das origens da nossa nacionalidade, a África, no combate à fome, à pobreza e às desigualdades.

O surgimento de um mundo multipolar exige que sejamos mais enfáticos na defesa do multilateralismo; que afirmemos nossa cooperação e solidariedade com os países da América Latina, do Caribe e da Europa; que cultivemos nossa relação com a Espanha.

O multilateralismo que propugnamos, fortalece nosso compromisso com a defesa dos Direitos Humanos em escala global, hoje, para nós, um valor essencial da democracia brasileira. Da mesma forma, nos conduz a dar maior e enorme importância às questões relacionadas com o meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável.

Senhoras e senhores,

Quero deixar-lhes também uma palavra de confiança sobre o diálogo e a cooperação entre o Brasil e a Espanha.

Nossa relação bilateral se desenvolve com uma agenda diversificada e com um grau notável de amadurecimento. Tenho mantido encontros com o primeiro-ministro Mariano Rajoy e o rei Juan Carlos, em que observo a disposição recíproca de aprofundar o diálogo e de construir conjuntamente uma parceria efetiva e voltada para resultados concretos.

Brasil e Espanha têm complementaridades que podem constituir uma base excelente para uma parceria com visão do presente e do futuro. Apesar dos efeitos negativos da crise sobre a economia global, as nossas relações econômicas bilaterais vêm retomando seu dinamismo e podem e devem ampliar-se. A corrente de comércio tem crescido e apesar de nós termos chegado, em 2011, a mais de US\$ 8 bilhões, o que é um dos maiores patamares, acredito que apesar de serem números positivos, estão aquém do nosso potencial.

Com esse mesmo ânimo construtivo, empresários espanhóis e brasileiros seguirão renovando suas relações, explorando possibilidades de lado a lado. Lembro que a Espanha é o segundo maior investidor no Brasil, com um estoque de US\$ 85,3 bilhões. Lembro também que os empresários espanhóis que estão no Brasil, eu acho que se sentem em casa.

E não é por outra razão que o Brasil procura promover, com a Espanha, uma cooperação cada vez mais estreita. Aliás, a cooperação em inovação e pesquisa, por meio do intercâmbio de pesquisadores, de técnicos, de engenheiros, médicos, enfim, de trabalhadores, é uma questão que o Brasil tem o maior interesse em desenvolver. E os nossos bolsistas, que nós queremos que cheguem até oito mil bolsistas brasileiros aqui, do Brasil aqui, na Espanha, são, de fato, um elemento e uma ponte de unidade entre os dois países.

Como eu disse aos senhores, o Brasil acredita num mundo que busca o multilateralismo e, portanto, tem de dar ênfase à cooperação. Eu acredito que a cooperação é um instrumento de combate à crise. Acredito que a cooperação é uma forma pela qual Brasil e Espanha, por exemplo, podem responder, de uma forma muito afirmativa, a este momento em que nós vivemos.

O Brasil tem sua palavra a dizer e os que se dispuserem a ouvi-la entenderão que ela não será nunca uma palavra de arrogância ou de superioridade pretensiosa. Nós já fomos vítimas das duas, tanto da arrogância quanto da superioridade pretensiosa. A palavra do Brasil será a palavra de um país que não cultiva inimigos, que não tem problemas de fronteira, que não tem ressentimentos a compensar, nem intolerâncias a projetar. Será a palavra de um povo que procura aprender com os seus erros e com os acertos de sua experiência histórica de construção da democracia, de luta pelos direitos humanos, de superação das injustiças e da conquista do verdadeiro desenvolvimento.

Esta é nossa maior tarefa, e é nela que pode residir, eu acredito, nossa melhor contribuição ao mundo.

Muito obrigada a todos os senhores e senhoras.

\_\_\_\_\_ : Presidenta, eu sou brasileiro, eu represento uma empresa aqui na Espanha que está trazendo tecnologia do Brasil e de bioetanol, aqui para a Espanha que, como a senhora sabe muito bem nós somos líderes no uso de bioetanol no mundo inteiro.

Eu queria saber, como representante também de muito produtores de bioetanol no Brasil, qual é a política que o seu governo está tomando, em relação a essa importante fonte de

energia, no qual nós somos um exemplo para o mundo, e eu posso até justificar isso aqui. E concretamente para o bioetanol de primeira geração, como a senhora sabe, o Brasil está importando muita gasolina, e isso está produzindo um problema na parte dos nossos produtores. Então, eles estão precisando de investimento, particularmente para renovar as suas lavouras que, como a senhora sabe, depois do 5º corte, a cana-de-açúcar, a produtividade cai até o chão. E eles se preocupam muito sobre esse tema e, muitas vezes, nos perguntam e a gente, como está aqui, então não tem como responder e, então, aproveitando esta oportunidade lhe faço essa pergunta. Muito obrigado.

**Presidenta:** Muito boa pergunta. Eu vou aproveitar e fazer uma exposição a respeito de como é que nós vemos a questão do etanol. Desde... Eu tenho muita... fico muito à vontade em responder, porque lidei com etanol desde 2003.

Então, nós temos, de fato, no Brasil, uma grande produção de etanol, que é competitiva, tanto no que se refere à área agrícola, ou seja, nós temos uma altíssima produtividade na área de cana-de-açúcar, quanto também temos uma ótima produtividade na área propriamente do que eu vou chamar de indústria do etanol, que é a transformação da cana-de-açúcar no álcool.

E o Brasil teve um impacto pela crise. Nós estávamos com um nível de investimento bastante alto, em 2008/2009. A grande maioria dos investidores tinha feito planos de investimento e alguns deles tinham começado seus planos de investimento quando houve todo o problema da crise e do choque de crédito naquela oportunidade. Além disso, e devido a isso, houve, naquele período, um baixo investimento na produção das lavouras de cana.

Nós agora temos uma política bem clara, desde o ano passado, e de incentivo à renovação das nossas lavouras. O Brasil investe na área... O governo brasileiro investe, na área agrícola, em torno, este ano, em torno de 160, 170 bilhões de reais. Desses 160, 170 bilhões de reais, que dá o quê? Que dá a metade, seria, fazendo um cálculo, 80 bilhões de dólares, uma parte expressiva foi colocada para a renovação das culturas. Eu acredito que daqui para a frente nós iremos ter uma melhoria nesta relação, ou seja, na produtividade do setor agrícola.

No que se refere à relação gasolina e etanol, essa é a ordem das coisas. Por quê? Porque nós temos duas formas pelas quais o etanol entra na matriz de combustível brasileira. Primeiro, em toda gasolina tem um mix de, no mínimo, 20% do etanol – hoje está em 20% - do etanol. E no que se refere ao uso do resto da produção, aliás, do resto dos combustíveis, há a opção, por conta que nós usamos... quase todos os carros brasileiros são *flex fuel*, isso significa o seguinte: o consumidor olha na bomba de gasolina e, se o preço da gasolina estiver mais alto ele usa etanol, se o preço do etanol estiver mais alto ele usa gasolina.

De qualquer forma, como há também uma relação entre etanol e cana-de-açúcar, e como a cana-de-açúcar esteve, em períodos recentes, muito alta, também há uma influência disso sobre os preços do etanol no Brasil.

Eu acredito que nós vamos ter uma retomada de um surto novo de investimentos na área de etanol. Por quê? Porque vai amadurecer e vai melhorar a competitividade entre nós, porque nós, mesmo com a produção ainda não renovada, ainda somos mais competitivos nessa área do que qualquer outro país. Mas vai renovar, dentro do Brasil, essa competitividade, o que vai melhorar a relação de preço etanol-gasolina.

*Entonces*, eu agradeço a todos a atenção, aos que aqui compareceram. Muito obrigada pela atenção.

▣  
Ouça a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-abertura-do-seminario-brasil-en-la-senda-del-crecimiento-madri-espanha-26min34s>) (26min34s) da Presidenta Dilma

# 19-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço oferecido por Suas Majestades, Rei Juan Carlos I e Rainha Sofia da Espanha

**Madri-Espanha, 19 de novembro de 2012**

Suas Majestades, Rei Juan Carlos I e Rainha Sofia,

Suas Altezas Reais, príncipes Felipe e Letícia, das Astúrias,

Excelentíssimo senhor Mariano Rajoy, presidente do Conselho Espanhol,

Senhoras e senhores ministros de estado e autoridades integrantes das comitivas do Brasil e do Reino da Espanha,

Senhoras e senhores empresários,

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que realizo minha visita oficial à Espanha, nação querida à qual o Brasil se vincula por laços históricos de amizade e cooperação.

Antes de mais nada, queria agradecer o Grande Colar da Ordem de Isabel, a Católica, que Sua Majestade teve a honra de me conferir.

Nós, brasileiros e espanhóis, temos visões comuns sobre grandes temas da agenda internacional do século XXI. Refiro-me à defesa da democracia, da paz e dos direitos humanos; a determinação no combate à fome e à pobreza no mundo; a proteção ao meio ambiente.

Majestade,

O Brasil viu, na criação da União Europeia e do euro, e no surgimento do moderno estado de bem-estar social, uma inspiração para o que queríamos também construir em nossa região. Por essa razão, preocupam-nos as dificuldades que este continente está enfrentando na hora atual. Não apenas pelos efeitos negativos que tem sobre o funcionamento da economia mundial. Mas pelos efeitos sobre algumas das maiores conquistas sociais da humanidade.

Majestade,

Não queremos, que a crise atual venha a corroer um paradigma econômico e político que nos é caro – a cooperação expressa no euro e que é exemplo para a América Latina.

No Brasil, avançamos muito, criando políticas públicas que favorecem a dezenas de milhões de homens e mulheres historicamente excluídos do processo econômico e da cidadania efetiva. Mas defendemos esse crescimento inclusivo com justiça social para todos os países do mundo, inclusive aqueles que clamam por melhorias das condições de vida na África, no

Orientes Médio e em nossa própria América Latina.

Daí nossa preocupação com que a crise financeira não venha a solapar mais o crescimento da economia global, com impacto profundo e duradouro na Zona do Euro. A superação dessas dificuldades, sem prejuízo para a unidade europeia, é o que mais desejamos. A experiência latino-americana da última década – muito distinta daquela dos anos oitenta e noventa – recomenda persistir no caminho do crescimento com proteção da renda e do emprego – elementos indispensáveis para o êxito de qualquer ajuste.

No G20 e em todas as instâncias multilaterais, a Europa e a Espanha terão no Brasil um aliado disposto a participar de um pacto em favor do crescimento, da recuperação da demanda global e do emprego.

O expressivo número de empresários que acompanhou Vossa Majestade em sua recente visita ao Brasil é indicativo do peso econômico e comercial da presença espanhola em meu país.

Nosso intercâmbio atingiu, em 2011, quase US\$ 8 bilhões, um recorde histórico, mas, eu acrescento: ainda pequeno diante do nosso potencial. A Espanha é o segundo maior investidor na economia brasileira. Há muito espaço a ser explorado por meio da diversificação de nossa pauta e a elevação do valor agregado dos investimentos recíprocos.

O Plano de Ação de Ciência e Tecnologia de 2008 abriga importantes iniciativas, em particular, o intercâmbio de pesquisadores. A excelência das instituições de ensino espanholas desenha um horizonte promissor para a implementação do programa “Ciência sem Fronteiras”.

A assinatura, no ano passado, do Programa Conjunto sobre Cooperação Triangular, revela o compromisso de nossos países em oferecer apoio técnico, financeiro e humanitário a países de menor desenvolvimento relativo.

No âmbito do Programa Mundial de Alimentos, mantemos importante parceria para doação de alimentos a países necessitados.

Em matéria de defesa, nossa parceria ganhará nova perspectiva com a criação de Grupo de Trabalho sobre cooperação industrial.

O futuro reserva muitas oportunidades oferecidas pelo nosso Programa de Aceleração do Crescimento, pelas explorações do pré-sal e pelos grandes eventos esportivos no Brasil – a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Ao agradecer a generosa acolhida dirigida a mim e à minha delegação, ergo um brinde à saúde de Vossa Majestade, à amizade entre os nossos povos.

■  
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-oferecido-por-suas-majestades-rei-juan-carlos-i-e-rainha-sofia-da-espanha-madri-espanha-5min33s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-oferecido-por-suas-majestades-rei-juan-carlos-i-e-rainha-sofia-da-espanha-madri-espanha-5min33s>)(5min33s) da Presidenta Dilma

# **21-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia alusiva ao Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, com anúncio de ações para as Comunidades Quilombolas**

**Palácio do Planalto, 21 de novembro de 2012**

Queria cumprimentar, aqui, as senhoras e os senhores ministros de Estado. Iniciando cumprimentando a nossa ministra da Secretaria de Combate à Desigualdade Racial – eu gostaria de chamar de Secretaria de afirmação da população afrodescendente do nosso país – a nossa ministra Luiza Bairros. Cumprimentar também a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann; a ministra da Cultura, Marta Suplicy; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Queria cumprimentar todos os ministros, cumprimentando esses ministros aqui presentes.

Cumprimentar as senhoras e senhores chefes de missões diplomáticas acreditados junto ao meu governo,

Queria cumprimentar o senhor Rômulo Gouveia, vice-governador da Paraíba,

Os senadores Ana Rita e Eduardo Suplicy,

Os deputados e as deputadas federais. Cumprimentar aqui a nossa deputada Benedita da Silva, o nosso deputado Bohn Gass, a nossa deputada Janete Pietá, o nosso deputado Jorge Silva, Luciana Santos, Luci Choinacki; Luiz Alberto e deputado Marcon.

Cumprimentar o presidente da Fundação Cultural Palmares, Eloi Ferreira de Araújo,

Maria Rosalina dos Santos, da Coordenação Executiva Quilombola, da comunidade de Tapuio, localizada no semiárido do estado do Piauí,

Queria cumprimentar a Josefa Maria da Silva Santos, nossa querida Zefa da Guia, da comunidade quilombola da Serra da Guia, do estado de Sergipe, por intermédio de quem eu cumprimento todas as comunidades quilombolas do Brasil.

Queria cumprimentar Carlos Guedes, presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária,

Da comunidade de Mocambo, do estado de Sergipe, o senhor Apolinário Acácio dos Santos,

O senhor Guarapiranga Freire Filho, do saudoso seu Teodoro, em nome de quem cumprimento todos os membros do Grupo de Tambor do Seu Teodoro.

Senhoras e senhores jornalistas,

Senhores fotógrafos e senhores cinegrafistas.

Nós celebramos ontem o Dia Nacional da Consciência Negra, data escolhida para homenagear o grande herói brasileiro Zumbi dos Palmares. O Zumbi dos Palmares entrou para a história, para a nossa história, como símbolo de resistência e da luta contra a escravidão. Luta protagonizada pelos quilombos. E para nós, é muito importante afirmar essa condição de Zumbi dos Palmares, porque a história do passado, muitas vezes, foi escrita escondendo a luta das populações negras contra a escravidão.

Afirmar, portanto, Zumbi dos Palmares, significa também um resgate da história das populações negras contra a sua opressão, submissão e escravidão. Cada um de vocês, quilombolas de hoje e descendentes desses guerreiros do passado, trava hoje, as batalhas do presente pelo reconhecimento e também pela igualdade de oportunidades. As comunidades quilombolas ficaram esquecidas, sem dúvida, por muito tempo no nosso país. Somente em 2004, no governo do presidente Lula, foi criada uma política específica para os quilombolas, assumindo como tarefa de Estado assegurar direitos à terra, ao trabalho, à educação, à saúde, a todos esses cidadãos, por tantas décadas excluídos.

Na verdade, a essa política, específica para os quilombolas, está associada uma política global do país, desde a época do presidente Lula - e agora, nós estamos, cada vez mais, ampliando e reforçando essa política - que é uma política de combate à desigualdade no nosso país. A desigualdade no nosso país, ela tem gênero. Ela é predominantemente feminina. A desigualdade no nosso país, ela tem raça, ela tem a face negra. A desigualdade no nosso país, ela também tem idade. É preferencialmente uma coisa que afeta duramente as crianças. Não, que também não afete os homens, que não afete, também, a população de origem europeia.

Fazer política social em nosso país significa atender a população que foi tradicionalmente afastada dos ganhos e das riquezas. Nós temos de combinar esta política ampla, social - como é o caso do Bolsa Família, do Brasil sem Miséria - com políticas voltadas para ações afirmativas de raça e gênero. As políticas quilombolas, elas fazem parte das ações afirmativas, mas se completam com a política social que nós desenvolvemos no nosso país.

Por isso, no caso, por exemplo, do Brasil Carinhoso, nós olhamos com muito cuidado, porque o Brasil Carinhoso é uma complementação do Bolsa Família. O que ele faz? Ele dá, esse programa dá R\$ 70,00 para aquelas famílias que têm crianças, para todos os membros que têm crianças de 0 a 6 anos, porque criança não protesta, criança até 6 anos não protesta, criança tem de brincar. Quem tem de protestar e quem tem de segurar as condições das crianças são os adultos. Por isso, em cada família que tem de 0 a 6 anos, cada adulto tem de receber, no mínimo, R\$ 70,00.

É esse fato... Esse fato é para a criança. E quem são essas crianças, e quem são essas famílias? A ministra Tereza disse aqui que 84% são integradas por negros, são famílias de origem negra. Então, o Brasil Carinhoso, ele pega qualquer família, mas nós olhamos e sabemos que ele pega crianças negras, de famílias negras, e sabemos que predominantemente, predominantemente, no Nordeste e no Norte do país. Por isso que esse programa é um programa que tem de estar ancorado numa questão maior e combinado com outras políticas como essa, é o caso do que nós estamos lançando aqui para os quilombolas.

Por que nós estamos fazendo uma política específica para os quilombolas? Porque, para combater a desigualdade no nosso país, a desigualdade que, como nós dissemos, tem gênero, raça e idade, nós precisamos de políticas específicas também. Os quilombolas, além disso, não são apenas uma parte da sociedade, eles fazem, eles representam um momento de luta da população negra, no nosso país, contra a escravidão. E também por isso têm uma

importância simbólica, simbólica. Simbólica não no sentido que não tem raiz na realidade, simbólica porque tem raiz na realidade, porque diz respeito a uma terrível realidade que um país tem sempre de voltar a ela, que é a realidade terrível da escravidão. A realidade terrível da escravidão que distorceu vários valores de nosso país como, por exemplo, não valorizar o trabalho manual. Não valorizar o trabalho. Uma realidade terrível do nosso país, que foi transformar uma parte dele em uma parte sem direito, que contaminou todos os outros pobres.

Então, simbólico no sentido que aquela parte que nós temos de lembrar para poder acabar com todas as consequências dela. Um país que teve, há pouco mais de 100 anos, escravidão, não pode deixar de lembrá-la. Porque lembrá-la é condição para que nós a superemos em todas as dimensões e consequências.

Por isso, nós hoje estamos aqui falando sobre quilombolas. Com ações concretas, nós vamos construindo as condições para reverter a vulnerabilidade econômica, social, cultural, a forte exclusão, que marcam a história do nosso país, em especial, das comunidades quilombolas espalhadas por 24 estados brasileiros.

As medidas que os ministros anunciaram hoje, fazem parte dessas ações afirmativas. A regularização fundiária, nós sabemos, que é a base para essa mudança. A certeza que a terra lhes pertence, porque a terra também lhes dá identidade e, portanto, a certeza de que ela está garantida, é o primeiro passo para promover a cidadania.

Todas as comunidades, aqui, sabem - mas isso fica claro nas palavras da dona Zefa, dona Zefa da Guia. Né, dona Zefa do caminho. Né, dona Zefa? – mas, a regularização, eu vou dizer para vocês, ela não é suficiente. Nós não podemos permitir que nas comunidades quilombolas estejam as populações mais vulneráveis do nosso país. E por isso que, além da regularização, nós queremos que lá cheguem o crédito, a assistência técnica, a energia, a água, os canais de comercialização e o Luz para Todos, quando o Luz para Todos não chegou.

A ministra Tereza Campello falou para vocês que a gente quer identificar. A gente quer identificar as populações para fazer que as coisas cheguem a essas populações. Porque muitas vezes, mais terrível no governo, é saber que tem um programa e que o programa não chegou à população que precisa daquele programa. E aí, a questão da Declaração de Aptidão do Pronaf. O que é isso? Saber quem precisa é saber quem é que vai ter o papel para chegar no banco e ter direito ao crédito do Pronaf, que nós sabemos que é essencial para as populações melhorarem a sua renda. Saber quem é que tem direito e saber quem é quilombola permite que a Conab compre os produtos que eles produzirem e coloquem, por exemplo, na merenda das crianças, no desjejum das crianças nas escolas, que as crianças vão lá e possam usufruir dos produtos produzidos pelas comunidades quilombolas.

Por isso, nós queremos facilitar a assistência técnica. Nós queremos fazer com que as populações dessas comunidades rurais, quilombolas, saiam da subsistência e tenham acesso à renda. Por isso, assistência técnica, crédito e programa de aquisição de alimentos são importantes para essas comunidades avançarem e terem mais recursos.

Meus amigos e minhas amigas quilombolas,

Ao fortalecer essas iniciativas, e outras já existentes, criando novas ações, nós estamos resgatando essa história de luta das populações quilombola, nesses 512 anos de construção do Brasil como nação e como sociedade democrática. Estamos também reparando injustiças históricas. E nós, cada um de nós, da Presidente da República a todo cidadão brasileiro e brasileira, nós temos de saber a importância das nossas raízes nacionais. E nós não podemos nunca pensar o Brasil como nação sem pensar a contribuição dos

afrodescendentes e as raízes que um continente, o Continente Africano, deitaram aqui no Brasil.

Eu vou contar um episódio para vocês, que eu estava relatando para a ministra Luiza. É o seguinte: eu fui recentemente em Cádiz, na Espanha, na reunião chamada Ibero-Americana. A reunião Ibero-Americana entre os países da América Latina e os países da Península Ibérica – Portugal e Espanha. Nós, brasileiros, numa reunião dessas, temos sempre de dizer que a nossa nação não se sente representada sem uma menção aos afrodescendentes e sem a participação também dos países africanos. Por quê? Porque nós temos de honrar as nossas origens. Honrar as nossas origens significa necessariamente num país que, quando o censo populacional chega, mais de 50% das pessoas se dizem negras, é algo muito importante. Porque a gente pode pensar o seguinte: mais de 50% se disse negra – 50,5, é isso? Sete? 50,7 –, agora, de origem negra mesmo é mais gente, que não disse, que falou que era pardo que falou que era mais ou menos assim ou assado. Na verdade, nós temos uma população predominantemente negra em nosso país, ou predominantemente, entre todas as nossas misturas, uma grande presença da nossa origem africana.

Por isso, é importante que nós tenhamos cada vez mais a afirmação disso, não só como uma reivindicação, mas também como uma manifestação de orgulho, porque se nós não tivéssemos essa mistura, nós não seríamos o povo interessante e alegre que nós somos.

Finalmente, eu quero dizer para vocês que vocês tiveram e devem se orgulhar de um passado de luta, que é o nosso passado de luta. Então, se nós temos esse passado de luta, nosso presente também exige batalhas cotidianas. Obviamente, nós nunca devemos estar satisfeitos, nós devemos querer mais.

Eu acredito que uma das grandes conquistas feitas pela sociedade brasileira, em termos de uma real complementação das políticas afirmativas, é a política de cotas da universidade pública. Do ponto de vista da construção desse país mais igual e menos discriminatório, para quilombolas ou para a população negra em geral, esta é uma das grandes conquistas de nosso país.

Por isso, eu quero dizer que com tudo isso nós estamos dando passos para fortalecer um Brasil onde nossas crianças possam crescer com valores sólidos de respeito à diversidade, de orgulho da sua história e da sua cor, e onde as oportunidades sejam iguais para todos, ou seja, as oportunidades não podem olhar o gênero, a raça, a origem da família, nem tampouco o sobrenome.

Eu queria dar a todos vocês um muito obrigada e um forte abraço.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-alusiva-ao-dia-nacional-de-zumbi-e-da-consciencia-negra-com-anuncio-de-aco-es-para-as-comunidades-quilombolas-brasilia-df-19min58s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-alusiva-ao-dia-nacional-de-zumbi-e-da-consciencia-negra-com-anuncio-de-aco-es-para-as-comunidades-quilombolas-brasilia-df-19min58s) (19min58s) da Presidenta Dilma

# 28-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de encerramento da 18ª Conferência Industrial Argentina

**Buenos Aires-Argentina, 28 de novembro de 2012**

Boa tarde a todos. *Buenas tardes.*

Excelentíssima senhora, minha querida presidenta da nação argentina, Cristina Fernández de Kirchner, que eu tenho a honra de dizer também minha amiga,

Senhor Daniel Scioli, governador da província de Buenos Aires,

Senhoras e senhores ministros de Estado da Argentina e do Brasil,

Senhor José Ignacio De Mendiguren, presidente da União Industrial Argentina,

Senhor Robson Braga de Andrade, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Senhoras e senhores empresários argentinos e brasileiros desta 18ª Conferência Industrial Argentina,

Senhoras e senhores,

Senhores jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Eu, primeiro, queria agradecer o convite para aqui hoje, ao lado da presidenta Cristina Kirchner, encerrar esta 18ª Conferência da União Industrial Argentina. Felicito a União Industrial Argentina pela escolha do tema “A integração bilateral”, e fico extremamente motivada pelas palavras do presidente da União Industrial Argentina, Mendiguren.

A integração Brasil-Argentina, ela tem de exigir de nós aqui presentes um diálogo permanente, um diálogo permanente entre governo e empresariado. E ela exige esse diálogo para que nós possamos construir uma das mais importantes parcerias no nosso hemisfério e no mundo. Uma parceria, uma aliança, uma integração entre dois países com riquezas naturais extraordinárias. Líderes na produção de alimentos, com recursos energéticos e minerais verdadeiramente estratégicos. Países que não precisam e nem devem se especializar apenas na produção de *commodities*, pois possuem o potencial para ter indústrias de grande integração. Países democráticos que vivem em paz, países vizinhos, países amigos, países irmãos.

O êxito dessa associação depende fundamentalmente de cada um de nós, depende de nossa capacidade de planejá-la, de nossa vontade política de realizá-la, de nossa disposição para

superar todos os obstáculos e desafios que se interponham no caminho da nossa integração.

Nesse caminho é crucial o fortalecimento dos nossos setores industriais. É estratégica a integração de nossas cadeias produtivas, de forma a construir uma relevante e competitiva indústria regional. Compartilhar processos, produtos, inovação; cooperar em ciência, em tecnologia e educação; buscar a nossa integração industrial regional, é disso que se trata.

Temos, hoje, maturidade política e econômica para cooperar. Temos um quadro internacional que nos impõe essa necessidade. É bom destacar que a volta da democracia em nossos países soterrou os nefastos resquícios de rivalidade regional do passado. Argentina e Brasil são sócios comerciais de primeira grandeza e investidores recíprocos de peso.

Nossa tarefa primordial deve ser trabalhar por uma mentalidade de negócios verdadeiramente binacional. Temos de nos olhar mais do que como parceiros; como sócios de um grande empreendimento binacional.

Há dez anos o comércio, nos dois sentidos, não passava de US\$ 7 bilhões. Em 2011 alcançamos uma cifra recorde de US\$ 40 bilhões, mas nós sabemos que isso é pouco, é insuficiente para nossa dimensão, para o tamanho dos nossos países e para o que, seguramente, nós representamos na área internacional.

Neste ano nós vamos ter números menores, que devem chegar a US\$ 34 bilhões, representando, mesmo assim, o segundo melhor desempenho na série histórica. Nós devemos, sem sombra de dúvida, superar desequilíbrios comerciais entre nossos países, reduzir nossas assimetrias e buscar uma relação que deve ultrapassar o marco do comércio e se tornar uma relação comercial produtiva.

Para isso, os investimentos recíprocos serão cada vez mais decisivos. O estoque de investimento de capitais brasileiros na Argentina soma hoje US\$ 15 bilhões. Deverá elevar-se para US\$ 20 bilhões nos próximos anos, o que ainda é pouco. Os investimentos da Argentina, da mesma forma, já ultrapassam US\$ 7 bilhões e esperamos, também, que se elevem muito mais.

O nosso objetivo tem de ser a cooperação intensa e complementar em áreas estratégicas da indústria. Repito: é fundamental, para que nós mudemos de patamar, a cooperação em áreas estratégicas da indústria; áreas que exigem elevado grau de investimento e inovação; áreas intensivas em capital, como os setores naval, nuclear, espacial, todos os setores de pesquisa científica e tecnológica, energia, infraestrutura, setor financeiro, defesa, setor aeronáutico, televisão digital, tecnologia da informação.

Nós queremos uma intensificação das relações... de todas as nossas relações, incluindo um relacionamento estratégico na área do crédito e do financiamento. O BNDES aprovou cerca de US\$ 7,5 bilhões. Desse total, US\$ 2,5 [bilhões] correspondem a projetos em andamento ou realizados. A carteira aprovada é de US\$ 4,5 bilhões, aguardando as respectivas licitações e adjudicações.

Para nossa integração, nós devemos considerar que esses são números muito modestos. O nosso objetivo tem de ser mais ambicioso, pois, para nossa integração, temos de construir um verdadeiro canal de crédito. Da nossa parte, estamos procurando, buscando, pensando e o nosso objetivo é superar os entraves, todos os tipos de entraves que existem, para que possamos expandir ainda mais os nossos financiamentos.

A Argentina é o maior mercado industrial para o Brasil. O Brasil é o principal mercado industrial para a Argentina. Nós importamos uns dos outros. A integração produtiva no setor automobilístico, por exemplo, representa 50% do nosso comércio bilateral.

Sem dúvida, nós devemos sempre buscar um equilíbrio maior nas nossas relações comerciais, mas o nosso equilíbrio não pode ser obtido com base na redução das nossas relações, mas, sim, da expansão das nossas relações, da sua ampliação.

O Brasil deseja que os produtos argentinos participem, numa proporção maior, do mercado brasileiro, e que os produtos argentinos cheguem ao Brasil não como produtos vindos de um outro país, mas como produtos portadores de conteúdo local, porque nós construímos um mercado inter-regional.

Queremos que plantas localizadas no Brasil possam ser abastecidas por máquinas e equipamentos fornecidos por plantas localizadas na Argentina e vice-versa. Queremos um acordo cada vez maior entre os nossos segmentos industriais, porque é importante e estratégico e resultará em benefícios para as nossas nações essa integração industrial; para as nossas nações e para os nossos povos, para os seus empregos e para a qualidade da agregação de valor na nossa produção.

Nós não podemos negar o impacto adverso das restrições administrativas sobre o intercâmbio bilateral, mas também é forçoso reconhecer que, em grande medida, os números de 2012 refletem a diminuição da atividade produtiva e do consumo, não só no Brasil e na Argentina, mas, por comparação, em termos muito piores no resto do mundo.

Não obstante essa realidade, nossos arranjos não podem levar a uma situação de desvio do comércio recíproco em benefício de parceiros extra-regionais. Podemos ter parceiros extra-regionais, mas não em detrimento do avanço da nossa relação de integração regional.

Senhoras e senhores,

Em um contexto de crise econômica internacional, a ação do setor privado e dos nossos governos em defesa do crescimento de nossa indústria é ainda mais urgente e necessária. O Brasil tem debatido a difícil situação por que passam a Zona do Euro e a economia dos Estados Unidos da América. A Europa encontra-se diante da recessão e as autoridades, as próprias autoridades da Zona do Euro avaliam que será uma conjuntura que se prolongará por vários anos. A economia dos Estados Unidos também passa por dificuldades desde a falência do *Lehman Brothers*, em 2008. O peso de sucessivos déficits orçamentários hoje confronta, não só Washington, mas a comunidade internacional, com a perspectiva muito pouco tranquilizadora do chamado abismo fiscal na maior economia do mundo. Esperamos que o governo do presidente Obama, renovado nas urnas, supere esse desafio.

Estamos conscientes de que essa crise econômica tem o poder de afetar todo o Planeta, e seus novos e inquietantes contornos já atingem os países emergentes e em desenvolvimento. O Brasil vem defendendo uma articulação, uma combinação entre ajustes e estímulos fiscais, com vista à retomada do crescimento, porque nós sabemos, por conhecimento próprio – porque doeu na nossa carne, aqui na América Latina –, a terrível experiência dos ajustes recessivos ocorridos em nossos países na década de 80 e 90: desindustrialização, desemprego, perda de direitos sociais e democráticos, desesperança.

O legado daquele sacrifício, sem retorno social e econômico, foram duas décadas perdidas para o desenvolvimento. Ficamos à míngua, sem crescimento econômico, sem geração de empregos, paralisados, sem recursos para as políticas de inclusão social, sem instrumentos para o aperfeiçoamento da educação ou para investir na melhoria de nossa infraestrutura. Naquele momento interrompemos a nossa industrialização e perdemos um tempo valioso ao descuidarmos do imprescindível projeto de integração regional.

Nós sabemos, todos nós, que ajustes são, eventualmente, necessários, mas para que a austeridade não derrote a si mesma, são imprescindíveis ações em favor do crescimento e do

emprego, e eu acrescento, da cooperação e da integração regional dos nossos países.

Como bem demonstram os dez últimos anos em nossos dois países, crescer e distribuir renda têm profunda significação econômica, além de ser um imperativo moral e ético. Sabemos nós todos, senhoras e senhores, que a resposta dada à crise econômica, baseada apenas na austeridade, está levando os países desenvolvidos à recessão e, por consequência, à redução do comércio internacional. As empresas desses países, com a crise, passaram a dispor de uma imensa capacidade ociosa e procuram mercados emergentes para colocar suas manufaturas.

Ao mesmo tempo, amplos programas de expansão monetária, que nos últimos 4 a 5 anos perfizeram cerca de US\$ 9 trilhões e ainda estão em andamento, tentam transferir para nós uma parte do custo do ajuste dessas economias. É que as moedas desses países se desvalorizaram artificialmente e provocaram uma melhoria da capacidade competitiva das manufaturas dos países desenvolvidos, o que afeta bastante as nossas indústrias ou pode vir a afetá-las bastante.

Em síntese, o quadro é o seguinte: primeiro, recessão na Europa, recuperação lenta nos Estados Unidos, redução do crescimento nos mercados emergentes; segundo, redução da demanda internacional, convivendo com um imenso volume de manufaturas produzidas nos países desenvolvidos; terceiro, penalização severa das nossas indústrias, por conta de uma competição baseada em moedas artificialmente desvalorizadas.

Diante desse quadro internacional, se mais razão não existisse, a nossa, eu diria, única opção, além de ser a melhor, é buscar mais integração e mais solidariedade entre os dois maiores países deste lado do hemisfério. Jamais nós podemos considerar a possibilidade de menos integração, porque esse seria um erro histórico imperdoável. Nós já perdemos oportunidades no passado, de estreitar as nossas relações, de nos integrarmos. Neste momento não temos o direito, perante nossos povos e nossos países, de cometer o erro de não nos integrarmos.

Senhoras e senhores,

Nós queremos e devemos reproduzir na indústria e no setor de serviços de nossas economias a exitosa experiência que fez do Brasil e da Argentina potências agropecuárias, produtoras de alimentos e de agroenergia, agregando às condições do país as condições naturais dos nossos países, a eficiência do trabalho, as descobertas da ciência, a inovação da tecnologia e as oportunidades que a educação de qualidade e a formação profissional oferecem.

Se nós pudemos fazer isso com a nossa área agrícola, nós podemos fazer também com a área industrial. Nossa firme decisão de fortalecer a indústria envolve a busca de uma maior competitividade das nossas economias, em especial da economia brasileira, porque eu falo em nome do Brasil e acredito que essa decisão e essa consciência da importância da indústria é essencial, como disse o Presidente da União Industrial Argentina, para que nós possamos produzir valor, e não importá-lo.

Para tanto, o Brasil está tomando providências características da sua economia, dos entraves que a economia brasileira possuía. Estamos reduzindo o custo do capital e, portanto, do investimento. Criamos as condições para alterar, no Brasil, o mix de juros e câmbio em nossa economia. Reduzimos a apreciação artificial de nossa moeda. Fizemos os juros internos convergirem para um patamar mais condizente com o do mercado internacional.

O elemento central da nossa estratégia é a solução dos gargalos históricos da infraestrutura, e aqui nós temos uma imensa área para cooperarmos, porque priorizamos investimentos em

logística e energia. Na área de logística, por exemplo, prevemos licitações para construção de ferrovias, rodovias, portos e aeroportos. Queremos fazê-los em parceria e sociedade com empresários argentinos. Na área de petróleo e gás estamos prevendo leilões para os regimes de partilha e de concessão de blocos de exploração em 2012. Também queremos fazê-los em parceria.

Em todos esses setores apostamos, tanto na participação de empresas privadas como em parcerias entre o setor privado e o setor público. Para tais investimos, eu repito, queremos que as empresas privadas brasileiras participem, e convidamos as empresas argentinas para assumir um papel ativo e de protagonismo.

Outro fator importante no Brasil está sendo a redução do custo do trabalho, não através do desemprego ou da perda de direitos trabalhistas, mas através da desoneração da folha de pagamento das empresas, o que beneficia porque barateia o custo da mão de obra, importante para a composição dos custos e da nossa competitividade. Buscamos a redução do custo da energia, pois os contratos de concessão no Brasil venceram e, junto com a eliminação de encargos, resultará na diminuição dos custos de produção industrial, porque vai baratear a energia.

Nós somos um país que aprendeu com seus próprios erros. Dispomos hoje, porque lutamos muito para construir, um setor financeiro robusto submetido à ação rigorosa dos agentes reguladores, em especial do nosso Banco Central. Exigimos o cumprimento estrito dos requisitos de capital necessários para manter a solidez do nosso sistema financeiro. Por isso mesmo, os nossos bancos não foram atingidos nessa crise.

Estamos convictos, muito convictos, de que o Brasil e a Argentina, somados, representarão, representam já um dos mercados mais importantes do mundo e, por isso, com grandes oportunidades recíprocas.

O Brasil, em 2011, foi o 3º maior mercado mundial de computadores pessoais, e o 5º mercado de telefones celulares, juntos, nós galgaremos mais posições. Hoje, o Brasil é o 4º maior mercado de consumo de alimentos, de bebidas, automóveis e motocicletas, e o 3º em geladeiras, juntos, galgaremos outras posições. O mais relevante disso, e que é o centro do nosso modelo de desenvolvimento, é que tenhamos podido retomar o crescimento e, ao mesmo tempo, distribuir renda, garantindo o equilíbrio macroeconômico.

A redução da vulnerabilidade externa do Brasil e o vigor de seu mercado interno ajudam a explicar a atração que exercemos sobre o investimento estrangeiro. Gostaríamos que uma parte expressiva dessa atração fosse preenchida por parcerias entre o Brasil e a Argentina.

Caros amigos,

Os megaeventos esportivos que o Brasil sediará nos próximos anos, em especial o Mundial de futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016, também vão demandar vultosos investimentos em transportes urbanos, aeroportos, complexos esportivos e setor hoteleiro. São multiplicadores de renda e de investimento, que vão possibilitar melhoria da qualidade das nossas metrópoles. Mas, sobretudo, neste caso aqui, abrem oportunidades também para empresários e empresas argentinas.

Com a recente incorporação da Venezuela ao Mercosul, nós reafirmamos também um compromisso com o desenvolvimento e com a estabilidade democrática da região. Criamos, para nós, um espaço ampliado, tanto em recursos naturais como em recursos energéticos. Ampliamos o mercado consumidor para toda a indústria regional.

Eu queria destacar aqui que a cadeia petrolífera e de gás é particularmente promissora em nosso país. No Brasil, o pós e o pré-sal demandarão uma indústria regional naval e de

máquinas e equipamentos. As recentes descobertas, também aqui na Argentina, de *shale oil*, *tight gas*... *shale gas*, aliás, e *tight oil*, devem posicionar a Argentina como a terceira maior reserva mundial. Somados, nós temos, verdadeiramente, uma posição muito estratégica.

E eu queria aqui reiterar a necessidade de consolidar ampla cadeia regional de produção, refino e distribuição de combustíveis, e, sobretudo, de construção de estaleiros, de indústrias de produção de máquinas e equipamentos voltados para o fornecimento para essa área. Reitero porque acredito que essa é uma das grandes oportunidades que se abrem à nossa frente.

Senhoras e senhores,

As últimas décadas ensinam para todos nós, principalmente a última década, que as relações entre Brasil e Argentina respondem, e com louvor, a impulsos que são estruturantes. Nós convergimos no projeto de integração. Nossos laços bilaterais foram fundamentais para a construção do Mercosul.

Nós decidimos enfrentar o objetivo da superação das desigualdades nos planos nacional e regional. Enquanto no Mercosul criávamos o Focem, internamente implementávamos programas como Bolsa Família no Brasil e o Plano Família na Argentina. Aspiramos ao crescimento econômico com distribuição de renda.

Apenas – e aqui eu queria homenagear a presidenta Cristina – a chegada ao poder de governos progressistas permitiria a emergência desse paradigma em nossa região. E é um paradigma que ampliou e tornou extremamente importante e estratégico os nossos mercados internos que, hoje, são mercados internos de massa.

Devemos e podemos avançar mais. Enfrentemos com disposição os desafios imediatos, sem esquecer jamais da importância de construirmos uma região plenamente desenvolvida e socialmente avançada. Precisamos cultivar uma correta percepção da importância das nossas relações e sempre avaliar o quanto já progredimos. Será sempre preferível enfrentar e resolver atritos pontuais, característico das alianças fortes e estruturantes, do que cair no vazio deixado pela ausência de projetos comuns.

Retomo a ideia de reunir o Conselho Empresarial Brasil-Argentina como espaço privilegiado para a construção de pensamentos estratégicos. Em uma semana conto reencontrá-la, amiga e presidenta Cristina, na Cúpula do Mercosul. Lá, todos vocês serão bem-vindos para o 1º Fórum Empresarial do Mercosul. E, também, no dia 7 de dezembro, em Brasília, nós nos propomos a dar continuidade a esse diálogo.

Eu queria dizer que juntos nós somos muito mais fortes, juntos nós temos condição de enfrentar, de uma forma mais efetiva, os desafios que o mundo coloca diante de nós e as obrigações que os nossos povos nos impõem, porque devemos a eles mais desenvolvimento, mais justiça social e a manutenção desse quadro democrático e de paz que honra a nossa região.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-encerramento-da-18a-conferencia-industrial-argentina-buenos-aires-argentina-31min24s>) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-encerramento-da-18a-conferencia-industrial-argentina-buenos->

aires-argentina-31min24s (32min25s) da Presidenta Dilma

# 29-11-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de medidas do Programa Brasil Carinhoso

Palácio do Planalto, 29 de novembro de 2012

Boa tarde a todos.

Queria cumprimentar o nosso vice-presidente da República, Michel Temer,

O presidente do Senado, senador José Sarney,

Queria cumprimentar as ministras e os ministros de Estado aqui presentes, cumprimentando a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, e a ministra Glesli Hoffmann, da Casa Civil.

Queria cumprimentar os senhores governadores Agnelo Queiroz, do Distrito Federal; Simão Jatene, do Pará; Wilson Martins, do Piauí; Cid Gomes, do Ceará; Ricardo Coutinho, da Paraíba; Rosalba Ciarlini, do Rio Grande do Norte; Raimundo Colombo, de Santa Catarina, e o governador em exercício do Rio Grande do Sul, Beto Grill.

Queria dirigir um destaque especial para o governador do Piauí, Wilson Martins, e dizer que parcerias como a dele só facilitam o encaminhamento, no Brasil, das políticas de redução da miséria e de desenvolvimento efetivo do Nordeste do Brasil.

Queria cumprimentar os prefeitos aqui presentes: Dulciomar Costa, de Belém, e Agnaldo Perugini, de Pouso Alegre, que falou em nome de todos os prefeitos.

Queria também cumprimentar o prefeito eleito de Fortaleza, Roberto Cláudio.

Queria cumprimentar os senhores e senhoras deputados federais aqui presentes: Osmar Terra, presidente da Frente Parlamentar da Primeira Infância; Antonio Balhmann, Assis do Couto, Átila Lira [Lins], Benedita da Silva, Fernando Ferro, Jandira Feghali, Jesus Rodrigues, José Geraldo, Marinha Raupp, Paulo Ferreira, Renzo Braz, Ribamar Alves, Valtenir Pereira e Zenaldo Coutinho.

Queria cumprimentar a senhora Mary Lúcia de Lima. Cumprimentando a Mary, eu quero cumprimentar todos os cidadãos brasileiros e as cidadãs brasileiras beneficiários do Bolsa Família, do Brasil Carinhoso, e cumprimentar a todos aqueles que, com famílias grandes como a da Mary, lutam, no Brasil, para criar seus filhos.

Queria cumprimentar também as senhoras e senhores gestores do Brasil Carinhoso.

Queria cumprimentar o presidente da Caixa pelo esforço feito para que nós tivéssemos condições de, rapidamente pagar, não só essa, mas as anteriores prestações do Bolsa Família e do Brasil Carinhoso.

Queria cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Queria cumprimentar a cada um dos aqui presentes e dizer que, de fato, é um momento especial.

Eu tenho afirmado que o Brasil que nós todos queremos construir é um país de classe média. E para isso, nós colocamos como uma das nossas prioridades, desde o início do governo, a retirada de dezesseis milhões de brasileiros da pobreza. E isso, Eduardo Braga, meu líder no Senado - hoje o protocolo está um pouco endoidecido e não coloca nem registra a sua presença, a do Jucá e a de outros senadores, como vocês viram desde o início. Ocorre isso mesmo nas melhores famílias.

O que estamos hoje anunciando é um passo decisivo para a sociedade de classe média que desejamos. Aquela sociedade em que todos tenham as mesmas oportunidades, não importando a origem nem o lugar do seu nascimento, não importando seu gênero, a cor de sua pele, sua religião ou seu sobrenome. É essa sociedade que queremos.

Esse caminho para a sociedade de classe média deve passar por muitos momentos. E o mais difícil é que todos tendem a ser necessários e simultâneos. Deve passar pelo crescimento do Brasil, deve passar pela criação de empregos, pela educação de qualidade tanto alfabetização na idade certa como o ensino em tempo integral, deve passar pela produção de ciência nos nossos institutos e universidades, pela criação de tecnologias e pela inovação, por uma indústria forte, por uma agricultura cada vez mais líder internacional de produtividade, enfim, deve passar por vários outros momentos esse caminho.

Nós temos a convicção de que a passagem é obrigatória e decisiva, por um desses momentos, como se fosse como uma dessas paragens: a retirada, o mais rápido possível, da gente brasileira da extrema pobreza; a melhoria de vida das crianças e dos jovens e de todas as famílias que estão em situação de miséria.

Hoje nós damos um passo importante nessa direção. Dentro do Brasil sem Miséria estamos ampliando o Brasil Carinhoso. Agora com a meta de tirar da pobreza extrema todas as famílias com crianças e jovens de até 15 anos de idade. Cada pessoa dessas famílias terá sua renda complementada até receber uma renda de R\$ 70,00, que é o limite para se sair da pobreza extrema. Estamos dando um passo decisivo para construir, agora, um futuro importante para as nossas crianças e jovens.

É importante dizer que, no Brasil, a pobreza se concentra numa região, que é o Nordeste. Então esse, também, é um passo decisivo para reequilibrar as relações sociais dentro da nossa Federação. Quando eu anunciei o Brasil Carinhoso, eu afirmei ser uma tristeza dupla um país ter gente ainda vivendo na pobreza absoluta, e essa pobreza, ainda por cima, se concentrar mais fortemente nas crianças e nos jovens.

Essa, sem dúvida, é uma realidade dramática e, nesse contexto, um triste paradoxo para um país como o nosso, um país como o Brasil. E essa é a razão do Brasil Carinhoso. A razão é a tensão entre a força da vida que nessa etapa se manifesta em todo o seu esplendor e a dificuldade extrema de sobreviver, que também se manifesta em toda a sua tragédia, pela ingenuidade que caracteriza a criança do gênero humano.

Naquele momento eu disse que essa contradição foi encarada, pelo presidente Lula, a partir de 2003, quando ele teve a ousada ideia, na época bastante criticada, de criar e construir o Bolsa Família. Hoje, nós podemos aprimorar este combate iniciado pelo Bolsa Família. Naquele momento em que o Bolsa Família começou, era um combate generalizado porque tratava-se de criar uma rede de proteção para os mais pobres, garantir o mínimo para a sobrevivência para matar a fome e para garantir que as crianças fossem à escola e fossem vacinadas.

Se o Bolsa Família não tivesse existido, 36 milhões de brasileiros ainda estariam na pobreza extrema. E esses 36 milhões, além disso, estariam sem uma renda monetária mínima. Naquele momento usamos as armas que o Brasil dispunha, e tiramos desses 36 milhões, 17 milhões da pobreza extrema elevando-os para a renda igual ou acima de R\$ 70,00. No entanto, 19 milhões ainda permaneceram lá.

O Bolsa Família foi sendo aperfeiçoado, se desenvolveu e criou, ele mesmo, seus instrumentos e sua força, como por exemplo, o Cadastro Único, o Cartão ... o Cartão que elimina todo o traço de clientelismo, as exigências de escolaridade, a vacinação. Ele se fortaleceu e se consolidou e nos deu condições de avaliar onde estavam essas pessoas, como atingí-las e como é que se compunha... como é que era essas famílias. A partir daí, nós tomamos novas atitudes. E atitudes muito concretas para atacarmos esta questão que nos colocava como uma questão fundamental de governo, a saída da pobreza extrema.

O Brasil sem Miséria é nosso caminho. E o Brasil Carinhoso é a ação nascida do Bolsa Família para continuar a luta iniciada lá atrás por Lula contra a situação de pobreza extrema. Nasce como uma iniciativa que o Brasil oferece a seus filhos mais frágeis para que eles possam crescer fortes e saudáveis, para que eles possam crescer com as mesmas oportunidades dos outros brasileiros e brasileiras que têm casa, comida, roupa, remédio, brinquedo, escola, e que têm futuro. Nasce, sobretudo, porque junto a ele uma série de programas se articulam para garantir futuro. Eu queria citar três programas: o programa das creches, o programa da alfabetização na idade certa – Cid Gomes –, o programa da escola integral. Esses programas se articulam para garantir a saída, a saída, justamente a saída da questão da miséria extrema.

Por isso, a ação do Brasil Carinhoso, articulada com todas essas ações, é uma ação que constrói, hoje, o futuro do nosso país. E isso não é retórica, isto é ação real e concreta.

Nós temos orgulho do Brasil sem Miséria, dentro do Brasil sem Miséria dessa ação que nós chamamos Brasil Carinhoso, porque ela é a mais forte iniciativa de combate à pobreza extrema no Brasil, a mais forte no sentido imediato da palavra, porque ela começa a vigir dia 10 de novembro. Começamos com a faixa de 0 a 6 anos, garantindo renda de R\$ 70,00 *per capita* para os membros das famílias. Com isso, beneficiamos 9,1 milhões de brasileiros. Hoje damos mais um passo e, ampliarmos para famílias com pelo menos um jovem de até 15 anos, para que a renda seja igual a R\$ 70,00 exigimos – não exigimos – nos dispomos a assegurar que a renda seja igual a R\$ 70,00 por membro da família. Com isso, vamos atingir mais 7,3 milhões de pessoas e, nesses dois anos, estamos chegando a 16,4 milhões de brasileiros. Essa é a nossa visão estratégica de um país que quer crescer e quer levar junto as pessoas; que não se contenta em crescer para uma parte, quer crescer para todos.

É fato que nós defendemos o crescimento e a estabilidade da economia, é fato que defendemos o rigoroso respeito aos contratos. É fato que o estímulo aos investimentos produtivos e a ação vigorosa em prol da indústria brasileira é uma das nossas prioridades. Mas nós defendemos todas essas políticas pelo que elas representam de benefício para toda a população, na forma de renda maior, emprego melhor, ascensão social e conquista de direitos. Nenhum brasileiro deve ser privado dos frutos do desenvolvimento. E isso significa para nós um país em que a renda mínima seja aquela que caracteriza a classe média, é para lá que caminhamos; significa um país que agora não se conforma diante da pobreza extrema.

É por isso que desde o início do meu governo eu assumi um compromisso especial com os brasileiros que ainda viviam em extrema pobreza: o de oferecer também a eles tudo que o Estado tem obrigação de prover. O compromisso com esses brasileiros é, necessariamente, o compromisso com todo o Brasil.

Me orgulha dizer que os resultados que já alcançamos com o Brasil Carinhoso são fantásticos: são 16 milhões e 400 mil pessoas retiradas da extrema pobreza, brasileiros que estão mais protegidos, têm mais oportunidades e podem sonhar com um futuro melhor. Estamos oferecendo a eles todos, e a nós mesmos, a condição de construir um futuro melhor.

Senhoras e senhores,

Faz dez anos que criamos e pusemos em ação uma das maiores redes de proteção social do mundo. Conseguimos, com eficiência e rapidez, garantir direitos básicos, diminuimos a desigualdade que marcava, e ainda marca nosso país e, ao mesmo tempo, criamos um dos maiores mercados de consumo do mundo.

No início desta semana, uma consultoria internacional divulgou um estudo que revela o crescimento da desigualdade em vários países do mundo, principalmente naqueles mais desenvolvidos. Mas ela revela também que entre 150 países o Brasil foi aquele que, nos últimos cinco anos, melhor usou os frutos do crescimento econômico para elevar o padrão de vida e o bem-estar de sua população.

Segundo esse estudo, o Brasil cresceu em média 5% ao ano, mas promoveu ganhos sociais equivalentes a um país com crescimento médio de 13% ao ano. Esses resultados mostram que estamos na direção certa, e que devemos perseverar. Crescimento econômico com geração de emprego e políticas sociais eficientes são nossas receitas para novos avanços.

Não estamos apenas transferindo renda pois, com o Brasil Carinhoso, reforçamos o compromisso do Estado brasileiro e das famílias beneficiárias com a educação das crianças. Por isso, na primeira fase do Brasil Carinhoso e na segunda fase nós continuaremos adotando a oferta de vagas em creches e pré-escolas e mantemos a obrigação da frequência escolar mínima de 85%, obrigação que continuará a ser fiscalizada com rigor.

Não há política melhor que a educação para assegurar mais oportunidade para as nossas crianças e jovens. E por isso, os três fatores que eu aqui levantei e que eu quero repetir: creches, alfabetização na idade certa e escola em tempo integral são cruciais para que nós consigamos estabilizar, e mais do que estabilizar, dar sustentação às novas conquistas.

Este é um dever de qualquer sociedade que se pretende civilizada e é uma obrigação de um país que quer todos os seus cidadãos engajados na tarefa construir uma economia mais forte e mais competitiva e uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais igual.

Para o meu governo, enquanto houver um brasileiro ou uma brasileira na extrema pobreza, nosso trabalho, nesta área, não poderá ser dado por concluído. Não há nada mais importante a fazer. Tenham certeza de que vamos fazê-lo. Obrigada

ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-medidas-do-programa-brasil-carinhoso-brasilia-df-20min22s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-medidas-do-programa-brasil-carinhoso-brasilia-df-20min22s)(20min22s) da Presidenta Dilma